



# REVISTA

da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

**APOIO CULTURAL**



**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA**



# REVISTA

da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 13

Outubro de 2008

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2008  
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

13ª Edição – Outubro de 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/  
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2008.

172p

1. Poesia Sul-Mato-Grossense

**CDD - B8691.1**

**Projeto Gráfico:** Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

**Capa (Criação e Finalização):** Endrigo Valadão

**Revisão:** Rubenio Marcelo

**Revisão Final:** Rubenio Marcelo e Valter Jeronymo

**Impressão e Acabamento:** Gráfica Viena



**Diretoria (2005/2008)**

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **José Pedro Frazão**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **Geraldo Ramon Pereira**

Tesoureiro: **Guimarães Rocha**

Segundo Tesoureiro: **Augusto César Proença**



**Life Editora**

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) **3362 5545** - Cel. (67) **9263 5115**

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,  
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



# APRESENTAÇÃO

Estamos diante de um dos capítulos mais fascinantes da história da literatura sul-mato-grossense, quadro lindíssimo este das edições da Revista da Academia, que, sobejamente, evidencia um marco para sempre no horizonte telúrico das nossas Letras.

Focalizando o tema “A ASL e a Sua Poesia na Atualidade”, apresentamos, com extrema dedicação, os amantes das letras com a 13<sup>a</sup> edição da nossa Revista.

Neste sublime painel literário, os nossos poetas acadêmicos exalam o que há de mais belo, numa transparente harmonia, num sopro lírico caracterizado por estilos poéticos dos mais diferenciados, como uma força profunda e poderosa que brota da terra, do amor, dos heróis, da saudade, da dor, da morte e da vida, enfim, de todos os grandes temas humanos, adjetivando o que há na alma de cada um.

Assim como dissemos na apresentação da edição anterior, este volume, na noite de seu lançamento, inserido está nas festividades de comemoração do 37<sup>o</sup> aniversário do nosso Sodalício (30/10).

Confirmamos que graças a um importante convênio firmado com o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, em consonância com a Prefeitura Municipal de Campo Grande (MS), o projeto da edição de nossa Revista da ASL consolida-se em nova fase e ganha luz própria.

Registre-se o efusivo agradecimento da diretoria, dos nossos confrades e, especialmente da presidência, ao acadêmico Rubenio Marcelo (secretário-geral da Academia), organizador emérito desta edição.

**Reginaldo Alves de Araújo**

*Presidente*





# SUMÁRIO

**Homenagem a Jorge Antônio Siúfi . 09**

**Homenagem a Geraldo Ramon Pereira . 17**

**Alguma prosa sobre poesia . 25**

**Antologia . 43**

F. Leal de Queiroz . 45

Américo Calheiros . 53

Raquel Naveira . 57

Altevir Alencar . 69

Reginaldo Alves de Araújo . 79

Flora Egídio Thomé . 83

Rubenio Marcelo . 91

Adair José de Aguiar . 103

Guimarães Rocha . 113

Lucilene Machado . 123

José Pedro Frazão . 133

Geraldo Ramon . 143

Lélia Rita . 153

Augusto Cesar Proença . 159

Orlando Antunes Batista . 163

Abrão Razuk . 169

**Relação dos Acadêmicos . 171**



# HOMENAGENS



## Jorge Antônio Siúfi

*Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932. Advogado e professor. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é Catiça de Gato. Recentemente lançou o CD musical "Jorge Siúfi - Eclético". Ocupa a cadeira nº 14 da Academia.*







# JORGE ANTÔNIO SIÚFI

## Sinóptico perfil artístico de Jorge Siúfi

Filho do Sr. Antônio Siúfi e da Sra. Zakie Nahas Siúfi, nascido em Campo Grande aos 13 de setembro de 1932, Jorge Antônio Siúfi é reconhecidamente um dos maiores expoentes da cultura contemporânea e da nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da qual é um dos sócios fundadores e o atual titular da cadeira nº 14.

Além de brilhante advogado, escritor, contista e co-autor do Hino do Estado de Mato Grosso do Sul, ele se destaca também na área musical como afinadíssimo cantor, intérprete de recursos vocais privilegiados.

E, a propósito, é com relação a esta vertente artística do eclético intelectual supracitado que tecerei, a seguir, uma objetiva sinopse, um sóbrio registro embasado em específica pesquisa e em amistosos colóquios com o nobre confrade.

Quando possuía apenas sete anos de idade, em 1939, Jorge Siúfi – já revelando o seu potencial admirável – participou do Coral do Colégio Dom Bosco (de Campo Grande) e, em solo, cantou uma ária da Ópera Aida.

Em 1949, estreou cantando no Programa da Rádio Cultura. Cantou até o final de 1952, pois, no ano seguinte, foi estudar no Rio de Janeiro.

Na *Cidade Maravilhosa*, o talentoso Jorge Siúfi – em pleno viço da sua juventude – enalteceria o nome do seu Estado, participando

de diversos programas de TV e inserindo-se em laureadas apresentações nas rádios locais – principalmente na famosa Rádio Nacional (que, na história radiofônica do nosso país, é considerada o berço dos programas-shows de auditório).

Nesta época, apresentou-se, com sucesso, no programa de Ari Barroso (o insigne autor de *“Aquarela Brasileira”*) que revelou nomes hoje consagrados no cenário nacional. Jorge participou também dos programas musicais de Renato Murce, César de Alencar e Manoel Barcelos. Cantou – ensejando a admiração da crítica e impressionando a nata da música – no célebre programa *“Papel Carbono”*, que era comandado pelo comunicador Renato Murce.

Na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ), onde ingressou em 1954, Jorge Siúfi participou ativamente do show da Faculdade, evento este que era comandado por Carlos José (famoso cantor seresteiro) e que contava com apresentações de artistas como Sílvia Telles (que seria uma das cantoras pioneiras da Bossa Nova) e também Geraldo Vandré (autor de canções antológicas, como *“Pra não dizer que não falei das flores”*). Este show, que era apresentado em vários clubes sociais da capital fluminense, também era produzido em outras cidades, como Petrópolis, Alfenas, e em concorridos programas de televisão.

No final da década de 50, após retornar para sua terra natal, o jovem advogado Jorge Antônio Siúfi, conciliando suas atividades profissionais da área jurídica, engaja-se novamente ao movimento musical campo-grandense, participando de vários eventos artísticos, shows beneficentes e festivais.

Em 1968, recebeu o prêmio de melhor intérprete do Festival de Música Popular de Campo Grande, defendendo, com peculiar maestria, a música vencedora do certame: *“Mané Bento, Vaqueiro do Pantanal”*, de autoria de José Octávio Guizzo e Paulo Mendonça de Souza.

No período da instalação do governo de Mato Grosso do Sul (que se daria em 1979), Jorge compõe, em parceria com Otávio Gonçalves Gomes, a letra do Hino do Estado, cuja música é do maestro Radamés Gnattali.

Integrando o seletivo grupo de seresteiros que se apresenta no projeto “Noite da Seresta” (FUNDAC – Prefeitura/Campo Grande), participou, em 2001, do compact disc “*No Coração da Seresta*” (patrocinado pela então FUNCESP).

Recentemente, lançou o CD “*Jorge Siúfi – Eclético*”, um belíssimo álbum com 15 faixas musicais. Nesta obra, ele traz, para o seu público, releituras estilizadas de clássicos da MPB.

Nestes tempos em que os efeitos da avidez mercadológica têm sido responsáveis por aparições de ‘artistas’ de sucessos imediatos e descartáveis, temos que agradecer às musas do Parnaso quando podemos constatar a presença altaneira de uma expressão de arte revestida de real consistência, seriedade e legítimo talento, como é o caso do nosso Jorge Antônio Siúfi.

Quem tem a felicidade de conviver fraternalmente com este ser maravilhoso e o privilégio de ouvir a possante e melodiosa voz deste genuíno artista (que nasceu com brilho próprio e com o dom de maravilhar todos com o seu esplêndido mister), jamais esquece a sublimidade do ímpar acontecimento.

Salve, Jorge, triunfante! De Têmis, oráculo fiel. Astro fulgurante. Cantor e menestrel.

## **Rubenio Marcelo**

*Secretário-Geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*



# Hino de Mato Grosso do Sul

***(Decreto n.3 de 1º de Janeiro de 1979)***

**Letra:** Jorge Antônio Siúfi e Otávio Gonçalves Gomes

**Música:** Radamés Gnattali

Os celeiros de farturas,  
Sob um céu de puro azul,  
Reforjaram em Mato Grosso do Sul  
Uma gente audaz.  
Tuas matas e teus campos,  
O esplendor do Pantanal,  
E teus rios são tão ricos,  
Que não há igual.

*(Estrilho)*

A pujança e a grandeza  
De fertilidades mil,  
São o orgulho e a certeza  
Do futuro do Brasil.

Moldurados pelas serras,  
Campos grandes: Vacaria,  
Rememoram desbravadores,  
Heróis, tanta galhardia!

Vespasiano, Camisão  
E o tenente Antônio João,  
Guaicurus, Ricardo Franco,  
Glória e tradição!

*(Estribilho)*

A pujança e a grandeza  
De fertilidades mil,  
São o orgulho e a certeza  
Do futuro do Brasil.

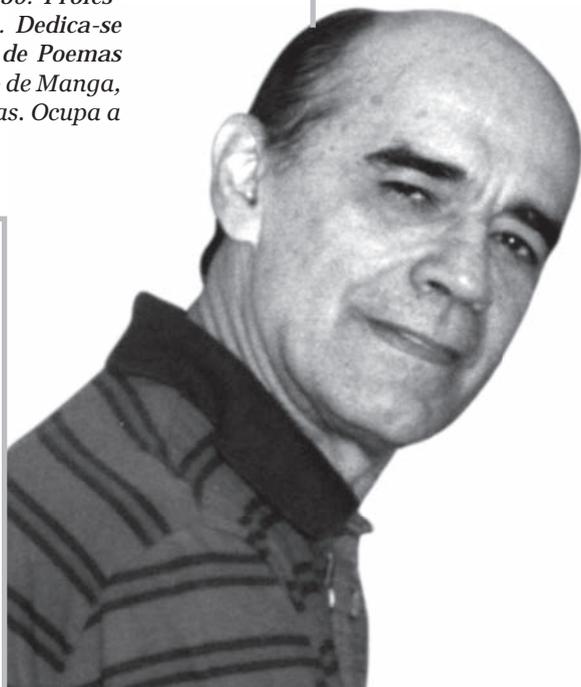


# HOMENAGENS



## Geraldo Ramon Pereira

*Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicou-se também à música regional. Autor de Poemas Íntimos, Estrelas de Sangue, Caroço de Manga, Álbum de Sonetos, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.*







# GERALDO RAMON PEREIRA

## Tributo ao Poeta

*(para Geraldo Ramon Pereira)*

Quero saudar-te, ó Príncipe-poeta.

Píndaro dos nossos dias.

Ponto de osculação da Ciência e a Arte.

Prodigioso cultivador de cantilenas.

... E, ouvindo os flébeis acordes da tua viola-deusa-pura,  
quero assimilar a lívida hermenêutica dos *Contrastes da Vida*;  
e recitar lúcidos poemas – Poemas Íntimos – e belos Sonetos  
de um Álbum... ou de um Caderno, tanto faz!

Quero saudar-te, ó venturoso Arauto de quimeras.

Erudito trovador. Astro fulgurante da sétima  
constelação zodiacal. Galanteador de plenilúnios.

... Na noite dos tempos, imperam frígidas e rutilantes  
*Estrelas de Sangue* – sangue do nosso sangue a adornar  
os céus dos nossos seres, a sucumbir nossa  
Sucata de Emoções; coágulo escarlate, tal qual  
Aquarela de Sangue a tingir nossos dias,  
a tanger nossos passos e descompassos...

E há um *Caroço de Manga* no meio do caminho...

No meio dos caminhos há vários caroços de mangas

– remorsos de zangas! – acérrimos, lenhosos e lúbricos,  
contrastando o úmido *Cheiro de Chão* das manhãs.  
Mas o singular sentimento do teu ser, o espírito envolvente  
e dialético dos teus versos – despertando as mais sublimes  
dádivas da alma – e o ponteio lacrimoso do teu pinho,  
delineiam os ícones fraternos do existencialismo  
e resgatam a sublime doçura dos sonhos esquecidos.  
Por isso, eu te saúdo, ó lídimo sementeiro de sonetos.  
Cantador real de odes e epitalâmios.  
Célebre cultor das ideologias de Dante e Petrarca.  
Teu mundo-interior é qual aquela terra feraz  
da idade do ouro, decantada por Ovídio.  
Seara livre, intacta do ancinho e do arado,  
onde a Pereira frutifica e os meigos zéfiros acariciam  
os capulhos florais banhados com o néctar de luz do sol matinal.  
Nos teus esplêndidos ensejos românticos,  
recriando graciosos madrigais, fascinas Anfítrite;  
és Netuno varrendo as procelas e ninando Nereidas.  
Com os teus congênitos lampejos filosóficos,  
contemplas Orfeu; encantas Minerva.  
Com os teus autênticos arpejos de aço na madeira,  
preludiando líricas cantigas de amor (modas de violas)  
e resgatando as raízes singelas da beleza, acalantas Afrodite;  
és Apolo, protetor das artes, embevecendo as  
Deusas-Musas-Mulheres na beira da fonte Castália;  
és Júpiter afagando as tranças douradas da bela Ceres  
e lançando, com desvelo, as miraculosas sementes do Parnaso  
nos sulcos estéreis dos nossos corações.  
Assim, felicito-te, ó harmonioso versista.

Preclaro violeiro-irmão-da-poesia.  
Exímio poeta-anfitrião-da-cantoria!

## **Rubenio Marcelo**



O acadêmico Geraldo Ramon Pereira foi concebido na cidade de Maracaju/MS e nela recebido pelas mãos caridosas do Dr. João Pedro Fernandes (médico autodidata, formado pela “universidade da vida”), no dia 07 de outubro de 1939. Filho de Gracindo Pereira da Rosa e Ambrozina Alves Pereira, tem como avós paternos José Pereira da Rosa Filho (Titio) e Lázara Barbosa de Souza Pereira (Lazinha); e como avós maternos Antônio Alves Ferreira (Antônio “Coqueiro”) e Maria Alves da Conceição, portanto famílias pioneiras, miscigenadas às demais que fundaram Maracaju.

De cultura eclética, seu currículo vai desde professor titular de Fisiologia Médica e Biofísica da UFMS, até membro efetivo da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, com 07 livros publicados. Jornalista, músico e compositor amante da “viola caipira”, já gravou dois CDs autorais e fez diversas apresentações lítero-musicais em eventos culturais e programas de TVs.

Sensível poeta, Geraldo Ramon é exímio sonetista. Mas nada o deixou tão feliz e realizado quanto sua composição HINO A MARACAJU (que já dispõe de partituras para banda), no qual decanta toda sua gratidão e amor aos nativos e imigrantes que, juntos, constroem a grandeza eterna de sua terra natal – inesquecível, não só pela suculenta língua, mas pelo carinho de sua gente.

O que nos deixa intrigados, porém, é o fato de, não obstante a

aprovação unânime de musicistas e literatos, o Hino a Maracaju – que já foi também aclamado pelo povo, em desfile de aniversário da cidade, a convite da própria Prefeitura – ainda não ter sido oficializado. Apresentado às autoridades competentes desde 1996, o processo, apesar das reiteraões do autor, continua esquecido e Maracaju, uma importante cidade, sem o seu mais significativo símbolo – o hino do município.

## Hino a Maracaju

Letra e música de Geraldo Ramon Pereira

Fértil semente predestinada,  
Semeada às margens do Mont'Alvão,  
Maracaju, tu nasceste alada  
Para voar com nossa emoção  
E reviver a gente passada  
A quem devemos teu galardão!

Maracaju, em gênios te expandes,  
Como genial foi teu fundador,  
Nosso imortal João Pedro Fernandes,  
Que, iluminado pelo Criador,  
Deu-te o porvir das cidades grandes,  
Ao legar-te fé, bravura e amor!

*Refrão:* Salve o solo mais fecundo,  
Oh! Chão de Maracaju!  
Se há paraíso no mundo,  
Nosso paraíso és tu!

Nas camparias, emas ligeiras,  
Ágeis, gigantes qual teu progresso...  
E as seriemas, fiéis seresteiras,  
Cantam a ti, louvando o sucesso!  
Teus mansos rios, vaus e cabeceiras,  
Iguais não vi, com orgulho confesso!

Hoje, tua gente é farto celeiro  
De cor, de crença, de credo ou raça...  
Tanto imigrante como pioneiro  
Em teu amor assentamos praça,  
Filho da terra ou leal forasteiro,  
És para nós do Bom Deus a graça!

*Refrão: Salve o solo mais fecundo...*

*Campo Grande-MS, 07 de setembro de 1991.*



# ALGUMA PROSA SOBRE POESIA







## ALGUMA PROSA SOBRE POESIA

### Poesia... Afinal, o que é poesia e para que serve?

(por MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA)

*“O pensamento ferve, é um turbilhão de lava,  
E a palavra pesada abafa a idéia leve.”*

**Olavo Bilac**

Muitas pessoas perguntam o que é a poesia. Definições existem “ad infinitum”, mas nenhuma atinge o cerne desse obscuro objeto do desejo, exercício de coisas impalpáveis, a que se entregam os poetas, “insetos de antena, captando sons, imagens e mensagens telepáticas”, conforme revela Raquel Naveira, uma perseguidora de códigos, que possam explicar a relação do homem com seus demônios e com o universo em que se acha inserido.

Rimbaud dizia que a “poesia é o desregramento dos sentidos”. O poeta Emmanuel Marinho que ela é “suja de som, de sonhos, de sangue e de signos”.

Rubenio Marcelo afirma que a poesia é o “Graal de nossos corações”, o que transforma a construção poética no vaso sagrado em que está simbolicamente recolhido o sangue dos corações.

Para Manoel de Barros “poesia é voar fora da asa”, reino da liberdade, onde se refugiam os que não se sujeitam a esquemas cerceadores de idéias e de sonhos.

Alguém já disse que a poesia é como um ramo de rosas, explica-

se por si mesma, tem seu próprio código ao qual só têm acesso os que foram ungidos com o poder de criar mundos, valendo-se da palavra.

A poesia é um brinquedo com signos, no qual significante e significado funcionam juntos numa junção provocadora de emoções, reflexões, impressões.

Para que serve a poesia? Segundo Américo Calheiros, “para nada”, mas acrescenta que, apesar disso, “fabrica a poesia das ruas como um operário”. O mesmo pensam outros criadores desse jogo de metáforas, como Carlos Drummond de Andrade, que confessa “carregar consigo algo indescritível”. Para ele, “poesia é algo de grande responsabilidade”, o que o leva a não considerar honesto rotular de poeta quem apenas verceja por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contacto com as forças líricas do mundo, sem se entregar a trabalhos cotidianos e secretos de leitura, contemplação e mesmo de ação.

Nos últimos anos de vida, já quase cego sem poder ler nem escrever, o poeta João Cabral de Melo Neto continuava em grande atividade intelectual, afirmando que sua poesia ainda se encontrava em processo, porque para ele poesia era risco contínuo.

Daí, poder-se concluir que poesia é o resultado de um processo dos mais exaustivos de uma construção, que prevê luta renhida e constante com as palavras para atingir o ponto desejado da perfeição na qual o elemento surpresa precisa estar presente como estrela a cintilar na escuridão da noite.

O poeta Geraldo Ramon Pereira sente a poesia “como o encontro com a beleza divina”, numa aproximação com a eternidade.

Esta é uma das razões que me ligam a determinados poetas, como Manuel Bandeira, que me aconselha a fugir do sofrimento “mas para quê / tanto sofrimento / se lá fora o vento / é um canto na noite?” Ou a Drummond, que suaviza minhas angústias com a certeza de que tudo passa e sempre fica algo para dar sentido à luta cotidiana (“o primeiro amor passou, o segundo amor passou, mas a vida continua”). Ou a João Cabral de Melo Neto, que me incita a viver cada dia “/como uma ave / que vai cada segundo conquistando seu vôo.”

Por isso, meus amigos, leiam poesias, cultivem o prazer de deslizar no reino das palavras, que ajudam a retomar a essência da adolescência luminosa. Viajem nas asas da poesia ao país de incertos rios e fronteiras onde residem a paz, a certeza de que vale a pena o desafio de viver... Eterna é a poesia, eternos os pensamentos, eterna a fome de navegar nas ondas da esperança.



## **A Poesia Não Morreu** **(Ela paira no ar... No Paranoá... E em todo lugar!)**

**(por RUBENIO MARCELO)**

A poesia não morreu, como chegaram a pensar. Não! A poesia não exalou o seu último suspiro. Posso atestar, com fartura de detalhes, que ela vive (e vive feliz). Altiva e fértil, a poesia – que é dádiva divina e uma das mais antigas formas de expressão do ser humano – continua ocupando o seu prefulgente espaço no tempo contínuo da existência, respirando encantos e transpirando sonhos. Mesmo sem se preocupar com a realidade, a poesia é real. Sim! A poesia é círio de eterna luz que ilumina e traduz o reino da estesia.

Na recente pesquisa “*Retratos da Leitura no Brasil*”, promovida pelo Instituto Pró-Livro e considerada o maior estudo já feito no país sobre comportamento leitor da população, ficou constatado que mais de 26 milhões de pessoas lêem poesia, que atualmente já é o quinto gênero de livro na preferência dos leitores brasileiros em geral (acima das histórias de quadrinho, obras religiosas, contos e auto-ajuda, por exemplo). E esta predileção é formada principalmente por jovens estudantes (a maioria até 17 anos de idade), o que configura um dado deveras preeminente e que nos enche de júbilo, pois sinaliza o fortalecimento de um importante e fecundo universo legente, ao tempo em

que comprova a lucidez de todos os que defendem a inserção da poesia nas salas de aula, bem como o fomento das oficinas de criação poética nas bases da educação.

Portanto, para o bem de todos e a felicidade dos nossos corações, a poesia não disse adeus, pois o seu bom lugar é aqui, entre nós.

E a ditosa constatação deste fato auspicioso foi uma das motivações para a organização da *I Bienal Internacional de Poesia*, que aconteceu em Brasília (DF) no período de 3 a 7 deste 2008, evento do qual eu tive a honra de participar, convidado que fui pela direção do encontro (coordenado pelo ilustre bardo Antônio Miranda, que é professor da UnB e diretor da Biblioteca Nacional de Brasília - BNB).

Cerca de 100 poetas [entre brasileiros e estrangeiros] foram chamados oficialmente para compor o arrojado projeto, que mais uma vez registrou nos anais da cultura (nacional e internacional) a vitalidade impressionante da poesia fazendo parte ativa da vida do povo.

A Bienal, que contou ainda com as presenças de cineastas, músicos, compositores e performers ligados ao exercício da poesia em suas áreas, selecionou diversos pontos de Brasília para receber as muitas atividades programadas para os seus poetas convidados. Deste modo, variadas poemáticas, projeções de vídeos-poemas, exposições, e recitais de música foram apresentados em dezenas de espaços culturais da capital federal, como bares, cafés, praça, bibliotecas, teatros, auditórios, e até a *Barca Brasília* (que possui o único palco flutuante no DF), na qual também tive a alegria de integrar o programa oficial estabelecido (recital a bordo, juntamente com os companheiros Rubens Jardim - poeta, SP; Astrid Cabral – poeta e tradutora, RJ; Betty Chiz - poeta e jornalista, Uruguai; e Maria Alba, poeta, SP). Assim, naquela tarde/noite inesquecível de quinta-feira (04/09/08), singramos as plácidas águas do Lago Paranoá (este cartão postal de 40 km quadrados de extensão), espargindo aos ventos os nossos versos, sob uma divinal abóbada que – transparecendo também estar em festa com a nossa lírica – acolheu um venturoso pôr-do-sol e salpicou de vívidas estrelas o céu dos nossos poemas. Durante todo este trajeto fomos assessorados pelo comandante Edmilson Figueiredo, que – ao final – solicitou um exemplar do meu livro “Graal das Metáforas” para o acervo cultural

permanente da Barca.

A eclética programação da I BIP apresentou também as concorridas Sessões Magnas, que aconteceram no moderno auditório do Museu Nacional (Conjunto Cultural da República) e foram dedicadas aos poetas convidados, que declamaram, leram seus poemas e fizeram apresentações franqueadas ao público (com projeções em telões especiais). Tivemos ainda um Simpósio de Crítica de Poesia (no anfiteatro 9 da UnB), lançamentos de livros (na BNB - onde eu autografei um título autoral recente), oficinas poéticas, palestras, saraus, mostras de cinema-poesia e – na abertura – um belíssimo concerto poético-musical (*Canto Latino América*) com a cantora chilena Elga Pérez-Laborde e os declamadores Mario Delgado (Peru) e Aglaia Sousa (DF).

Esta I Bienal, um evento até então inédito [pela magnitude e organização] no nosso país, aproximou as expressões da arte poética contemporânea mundial e movimentou intensamente – através da poesia em todos seus estilos – a cidade de Brasília, que conquistou o título de *Capital Americana da Cultura*. A escolha dos poetas convidados, bem como os detalhes gerais da Bienal foram baseados em observações e estudos sistemáticos promovidos desde o ano passado. Apoiaram o magistral encontro o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação, a Petrobrás, o Governo do Distrito Federal, a Biblioteca Nacional de Brasília, entre outros.

Com a sabedoria que lhe era peculiar, Carlos Drummond de Andrade sentenciou que “*são tristes as coisas consideradas sem ênfase*”. Se estivesse entre nós, certamente o *Poeta de Itabira* teria exultado diante da magnitude e beleza desta Bienal, ao lado de amigos e poetas como Affonso Romano de Sant’anna, Thiago de Mello, Reynaldo Jardim, Antônio Miranda, Alice Ruiz, Wladimir Dias-Pino, Astrid Cabral, Capinam, Jorge Tufic, dentre outros.

Que venha a II BIP, em 2010, para celebrar novamente, com ênfase e em grande estilo, o pulsar indômito das metáforas e a essência da poesia, provando mais uma vez que ela não morreu e que jamais morrerá. Sim, a poesia viverá para sempre, porque ela exprime a linguagem da eternidade.

# Mitos e Poesia

(por RAQUEL NAVEIRA)

“Mito é um contexto explicativo, não lógico, muitas vezes fantástico, motivado pelo meio físico e humano em que está inserida a coletividade”.

Na definição acima, ressaltamos alguns pontos importantes para a compreensão do mito: explica um fenômeno, de maneira absurda, incoerente e, portanto, poética, utilizando a força da imaginação.

O mito nasce de uma atitude primária diante das coisas, sem rigor racional, sem crítica.

Relato mitológico é a elaboração da natureza lírica, literária e moral que se faz sobre um mito.

Mitologia é o conjunto de relatos mitológicos.

Sou fascinada pela mitologia greco-romana, religião dos gregos e romanos, histórias maravilhosas que o homem imaginou para chegar ao conhecimento dos mistérios existenciais. Escrevi inúmeros poemas a partir dos estudos dessa matéria.

A professora paulista, Nelly Novaes Coelho, no artigo Os vetores da arte, publicado no jornal Opção, de Goiânia, em dezembro de 95, afirma, analisando os poetas da geração de 60, que há três vetores a nortear a poesia a partir dessa década, um deles é justamente

[...] a consciência de que o Poeta é um elo vital e insubstituível da quase infinita corrente ( ou malha, trama?) da tradição por ele herdada e que lhe cabe transformar a dar continuidade neste espaço que cumpre viver. Daí o atual retorno às raízes, ao mito, às fontes primárias[...]

Reconheço-me como poeta nessa coordenada detectada pela competente professora de Literatura e resolvi ir a fundo na pesquisa dos mitos, buscando inspiração na mitologia universal.

O mito começa com uma história simples, uma intriga, personagens bem caracterizados, lances surpreendentes e um final de impacto.

Freqüentemente não se conhece a origem do mito que está na oralidade do povo e um dia entra para a literatura. Quanto mais um mito vai atraindo autores, poetas, artistas, mais ele é atual, “verdadeiro”.

No mito, o homem de todos os tempos se reflete. Religiosos e psicólogos utilizam a trama dos mitos para compreender espírito humano.

Os heróis míticos existiram? São homens, têm qualidades e defeitos. Cito Max Muller: “Um herói só pode ser um homem elevado, acima do nível da humanidade ou um deus rebaixado a este nível, ou ainda, a mistura de um e de outro. Não há escapatória”.

Nessa linha, baseando-me em pesquisa no livro Os heróis míticos e o homem de hoje, de Fernand Comte, escrevi poemas com Ísis, deusa do Egito, que ora transcrevo:

*Que tentação é essa que me faz aflito?  
Veio do Egito,  
É Ísis,  
Deusa,  
Feiticeira,  
Maga  
De longos cabelos  
Com perfume de cevada;  
Vejo-a aproximar-se  
Ao som de flautas  
E sininhos, o rosto coberto por véus negros,  
Corro ao seu encalço,  
Ela foge entre torres e campanários  
Até o bosque de loureiros,  
Abraço-a,  
Sinto seu corpo,  
Que importa se ela me transformar numa rã,  
Num carneiro,  
Num asno pastando rosas?*

*Vou desvendar seus mistérios,  
Seus crimes,  
Seu silêncio,  
Arrancar os véus,  
Um por um,  
O que se esconde sob eles?  
A Natureza?  
O Universo?  
A Verdade?  
Não, não posso chegar à verdade pelo caminho do pecado,  
Pelo erro sem salvação.  
[...]  
Que tentação é essa que veio do Egito?  
Lá onde a idolatria se mancha  
De sangue e mel nas catacumbas?  
É Ísis.  
Ísis!  
Solto um grito.*

*Os mitos representam assim o nosso desejo de transformar e dar sentido ao mundo, desfiando com amor e paixão a certeza e a proximidade da morte.*



## **Liberdade poética (ou falácia?)**

**(por JOSÉ PEDRO FRAZÃO)**

**Não me peçam para libertar a poesia da clausura das formas, dos grilhões das regras, dos ditames das leis, dos padrões ou padrinhos...**

Não. Não me peçam tais coisas inconcebíveis, incompreensíveis, inimagináveis, impossíveis, absurdas.

Não me peçam quimeras, nem cometam tresloucada e desnecessária fuga lingüística em nome do empirismo, de sentimentos banais ou da pseudoliberalidade poética.

Não. Não me peçam isso, porque a poesia não é refém desses dogmas, não obedece a essas diretrizes, nem se prende a regulamentos. A única lei em que se espelha a poesia é a lei do ventre livre, que contempla a estética, mas também o inexplicável, o indizível, a invisibilidade e a beleza incorpórea, porque toda poesia nasce indelével, vive solta e é protagonista de sua imortalidade.

Poesia é essência da criação humana, disforme, fantástica e transcendental. Por isso não se traduz, não se pega, não se paga, não se apaga, nem se vê, apenas se sente, embora habite em muitas dimensões: em versos, em prosas, em rimas e em diversos formatos de poemas, que se tornam seu corpo, seu porto, seu abrigo, sua casa, mas nunca presídio, correntes, nem algemas.

Não me peçam uma descrição da poesia, pois ela está acima de todos os dizeres e pensares, gêneros e estilos, sentimentos e racionalismos, sensibilidades e inspirações. A idéia de que regras, formas, métricas, ritos e ritmos sufocam a poesia é uma falácia. A poesia não nasce na forma, mas na palavra; não está no verso, mas no inverso; não está na matéria, mas no espírito; não está no aspecto, está no espectro; não está no sentimento, mas no sentido instintivo; não está no coração, está na mente; não está no chão, levita. A poesia não é propriedade do chulo ou do erudito, nem das estruturas e teorias, mas somente da arte, razão por que pode incorporar-se, espontaneamente, num soneto ou num poema livre.

Não. Não me peçam para libertar a poesia, pois é ela que nos liberta, que nos transporta e nos faz criar e expressar o mundo e sentimentos com a linguagem da alma, o poder da palavra e a verve que se faz verbo.

Não me peçam para violar regras e corpos de mortais poemas, pois estes são frágeis invólucros da essência poética e precisam de suas

múltiplas formas para sobreviver à luz da ciência, ao contrário da poesia, que tem natureza libertária. No âmbito metafórico, a poesia está para o texto como a alma está para o corpo. O texto e o corpo têm formas; a poesia e a alma são imateriais; poema e poesia podem interagir, mas orbitam planos diferentes.

Não. Não me peçam, enfim, antropofagias. Não convém canibalizar a estética, nem qualquer modelo literário. Deixem o poeta e a palavra exercerem o seu estado laico, natural, democrático, longe de preconceitos vulgares ou acadêmicos. Peçam-me somente para escrever versos e prosas, com a liberdade de escolher entre o estilo clássico e o popular, entre o livre e o formal. Talvez em algum deles a etérea poesia se incorpore para realizar o milagre da criação artística.



## **Soneto - Forma em que a arte eterniza a poesia e a poesia eterniza a arte**

**(por GERALDO RAMON PEREIRA)**

O soneto – do italiano *sonetto*, pequena canção ou, literalmente, pequeno som – foi criado no começo do século XIII, na Sicília, onde era cantado na corte de Frederico II da mesma forma que as tradicionais baladas provençais. Alguns atribuem a Jacopo (Giacomo) Notaro, um poeta siciliano e imperial de Frederico, a invenção do soneto, que surgiu como uma espécie de canção ou de letra escrita para música, possuindo uma oitava e dois tercetos, com melodias diferentes.

O importante é que, independentemente de sua origem, o soneto é, em si, uma obra de arte, que se destaca no contexto da própria arte poética. Não são poucos os sonetos que se conservaram – tal como foram escritos, com assinatura do autor – até os nossos dias.

Sempre com 14 versos, os sonetos tanto podem ser formados de dois quartetos e dois tercetos (*soneto italiano* – forma mais conhecida e usada entre nós), como também por três quartetos e um dístico (*soneto inglês*).

Ordinariamente feitos com versos de dez pés (decassílabos), com tônicas na 4<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> sílabas – chamados “sáficos”, são também denominados “heróicos” quando a acentuação sonora recai nas 6<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> sílabas (ambas as formas rítmicas podendo ser usadas em um mesmo soneto, sem prejuízo para a cadência e sonoridade). São ainda, com alguma frequência, elaborados com versos de 12 sílabas poéticas (dodecassílabos ou alexandrinos), com tônicas nas 6<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 10<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> sílabas, com algumas variáveis. Entretanto, versos de qualquer métrica podem ser empregados na construção de um soneto. Quanto à disposição das rimas, pode-se obedecer aos esquemas convencionais das poesias comuns.

A par de ser a mais bela e perfeita forma da poesia clássica (no meu entender), o soneto se constitui no maior desafio à competência do poeta, que encontra pela frente a incitante dificuldade de vazar literariamente, em apenas quatorze versos, um tema completo, eivado de emoção crescente, cujo desfecho seja um verdadeiro orgasmo poético (“cauda do escorpião”). E deve-se ainda manter a métrica, a sonoridade e a cadência (ritmo) dos versos, que também devem rimar entre si de maneira espontânea e seqüencial, conforme um esquema preconcebido. Frente a todas essas exigências formais – e de conhecimentos da língua – do soneto clássico, a maioria dos poetas foge dele, aludindo que são poesias antiquadas, superadas ou ultrapassadas, quando, na realidade, tais bardos é que carecem de paciência e até de competência literária e cultural para esculpir “um pássaro de ouro em uma gaiola de aço” – como é definido o soneto. Renegá-lo dentre as formas poéticas é o mesmo que desacatar os clássicos no contexto da música universal; trocar o perfeito pelo inacabado... o eterno pelo efêmero... o divino pelo humano!

Nem sempre conseguindo compor um soneto com todos os seus requisitos e predicados, muitos apelam para o “modernismo” e escrevem

alguma coisa sem métrica, sem rima, sem cadência ou ritmo, apenas distribuindo a redação em dois blocos de quatro linhas (que, ao pé da letra, nunca foram quartetos) e em dois blocos de três linhas (que jamais foram tercetos) – e tentam fazer isso passar como “soneto”. O que se observa, em verdade, é uma espécie de vandalismo poético, um enorme desrespeito à tradição de uma forma de poesia que consagrou classicamente os maiores poetas de todos os tempos.

Popularizado na Itália nos séculos XIV e XV, lá o soneto alcançou a perfeição com Dante e Petrarca. Este, no seu “Cancioneiro”, reuniu nada menos que 317 sonetos, todos dedicados inteiramente a sua Laura.

Na França, no século XVI, foi muito praticado pela Plêiade, e continuou em voga até o século XVII. Ronsard, autor de “Dois Amores”, compôs cerca de 600 sonetos, sendo que muitos deles dedicados especialmente a Helena.

Camões, no seu volume intitulado “Sonetos”, deixou 286 composições – os mais belos sonetos que um poeta português já produziu. Bocage e Antero de Quental foram outros admiráveis sonetistas clássicos lusitanos. Forma pouco empregada pelas mulheres, modernamente três nobres poetisas portuguesas se destacaram na arte de fazer soneto: Florbela Espanca, Virgínia Victorino e Maria Helena.

Na Inglaterra, sobressaem-se Shakespeare (com 154 exemplares – sendo 126 dedicados a um jovem!) e Donne, sonetistas em cuja temática há predominância de fundo erótico e religioso.

### **Sonetistas Brasileiros**

Nossos sonetistas não foram tão exuberantes ou produtivos quanto os estrangeiros. Entretanto, Raymundo Correia escreveu mais de 200 sonetos, com temas diversos. Olavo Bilac (parnasiano) legou-nos um total de 182, sendo trinta e cinco na “Via Láctea” e noventa e oito na “Tarde”, entre sonetos de amor e de outras inspirações. Alfonsus dos Guimarães (simbolista, como Cruz e Sousa) produziu 179 sonetos, perpetuando em seu filho, poeta moderno, a arte de fazer sonetos. Guilherme de Almeida, “o príncipe dos poetas brasileiros”, tem mais de

100 sonetos de amor: basta citar que sua série “Nós”, de 33 sonetos, é, a nosso ver, a mais bela da literatura brasileira, talvez só se igualando a “Elegias”, do poeta pernambucano Mauro Mota.

Na verdade, exceto alguns raros, a maioria dos poetas brasileiros se entregou ao desafio de escrever pelo menos um ou alguns sonetos. Entre os bardos antigos, principalmente, poucos deixaram de fazê-lo. J. G. de Araújo Jorge (observe que seu nome usual compõe um verso de oito sílabas, com tônicas na 3<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>), grande entusiasta e pesquisador da Literatura, em especial da poesia, particularmente dos sonetos, aponta nomes que devem ser lembrados como bons sonetistas: 1- *mais antigos*: Cláudio Manuel da Costa, Guimarães Passos, Vicente de Carvalho, Emílio de Menezes, Cruz e Sousa (já referido), Alberto de Oliveira, Benedito Lopes, Belmiro Braga, e outros; 2- *mais recentes*: Moacir de Almeida, Jorge de Lima, Júlio Salusse, Alceu Wamosy, Raul Machado, Gilka Machado, Martins Fontes, Gustava Teixeira, Augusto Frederico Schmidt, Nilo Aparecida Pinto, Mauro Mota, Paulo Bonfim, Ledo Ivo, Vinicius de Moraes, entre tantos.

Em nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, formamos um “quarteto” de poetas vivos que se dedicam regularmente ao cultivo dos sonetos: Altevir Alencar, piauiense; Odair José de Aguiar, gaúcho; Rubenio Marcelo, cearense; e este articulista, Geraldo Ramon Pereira, sul-mato-grossense de Maracaju.

Atenhamos, a seguir, a algumas curiosidades sobre sonetistas brasileiros. Existem aqueles que, a despeito de terem nos legado uma obra significativa, notabilizaram-se apenas por um ou mais sonetos. É o caso de Raimundo Correia, com “As Pombas” e “Mal Secreto”; Júlio Salusse, poeta fluminense de Bom Jardim, que ficou conhecido como o poeta de “Os Cisnes”; Alceu Wamosy, poeta gaúcho, sempre lembrado pelo soneto “Duas Almas” (declamado religiosamente pelo nosso saudoso ex-presidente Elpídio Reis); Machado de Assis, o qual, não fosse o singular prosador que é, imortalizar-se-ia somente com seu “A Carolina”, soneto dedicado *in memoriam* a sua esposa; Da Costa e Silva, piauiense, que é o sempre lembrado poeta de “Saudade”; Raul

de Leoni, que nos deixou apenas dois sonetos, entretanto, ambos obras prima: “História Antiga” e “Perfeição; Olavo Bilac, cujo “Ouvir Estrelas”, por si só, já o elevaria aos píncaros celestes. E por aí afora.

Parece-me que a produção relativamente pequena de sonetos, por muitos de nossos poetas mais antigos, justifica-se pelo fato de haverem cultuado com esmerada obsessão, à custa de paciência e tempo, a forma clássica, logrando assim maravilhosas produções literárias, porém, via de regra, a qualidade suplantando a quantidade...

– Mas, por que defender, com garras e dentes, a forma SONETO?

Passo a esclarecer, nobre leitor, a sua eventual curiosidade. Não é que não acate a evolução da poesia. Eis que a “gosma caramujo-gramatical” do nosso querido Manuel de Barros me gruda como resina em casca de inseto azul... Sou o papagaio cujo verde áptero descolore o zumbido dos zangões emudecidos... Também curto a chamada “poesia moderna” e “pós-moderna” (contemporânea) – desde que, no seu bojo, vislumbre a misteriosa e divina essência poética! Aliás, é-me prazeroso ler e escrever qualquer tipo da verdadeira poesia, desde a belíssima literatura de cordel até chegar ao clássico soneto. Como também aprecio desde uma singela “moda de viola”, até um clássico musical. Ocorre que, como na música, chegar ao clássico é um grande desafio para o músico, na poesia, escrever um belo soneto é magno sonho que tem levado à insônia e ao suor poetas que buscam a perfeição neste campo da Literatura. E como é bom enfrentar o desafio de um sonho!



## **Poesia é o que mantém a vitalidade do universo**

**(por GUIMARÃES ROCHA)**

Um atalho para o infinito. Só pela poesia podemos beijar a eternida-

de, entendendo-se que as mensagens comuns nos mantêm limitados ao mundo que podemos experimentar com os chamados “cinco sentidos”. Senhora da sensibilidade imaginativa e da sabedoria libertadora, filha e mãe da música; destinatária e artífice das emoções.

Campestre ou erudita, saudosista ou futurista, melíflua ou ácida, pura ou temperada, individualista ou universalizada, satírica ou dramática, lírica ou narrativa, existencial ou social, concreta ou transcendental, poesia é sangue, entendido como vitalidade.

Sangue é vida, existência; poesia expressa o que há de elevado ou comovente nas pessoas ou nas coisas. Podemos então dizer, finalmente: a poesia é o sabor de tudo que há, quando pensamos no alimento e no consolo que ela nos oferece para suportar ou gozar o sentido espiritual do viver.

É a poesia mantenedora e multiplicadora da vida, pois se faz dinamizadora dos sonhos construtivos. Talvez ela tenha surgido no primeiro instante em que se fez imperiosa a necessidade de dizer o que não podia ser dito, pois o que se queria expressar pertencia ao mundo dos sonhos.

O tempo provou que são os sonhos a nos levarem além, no campo esperançoso das incessantes conquistas humanas. O progresso, a evolução, tudo tem início nos sonhos, que estimulam caminhos e imprimem vitalidade. E não há sonho sem poesia.



## Escrever...

(por ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO)

Escrever é algo que se apodera de nós. Como “Le Horla”, do escritor Francês Maupassant, ou então como a corrente submarina do “gulf-stream”, surge uma lembrança ou uma súbita inspiração, e o fio da nossa relação com a escrita se religa como se o tivéssemos colocado na tomada.

E a coisa assume proporções incontroláveis. Como escreveu, nos seus admiráveis versos, Augusto dos Anjos, o original poeta paraibano:

*“A idéia, de onde ela vem? / De que matéria bruta vem essa luz que sobre as nebulosas cai de incógnitas criptas misteriosas / Como as estalactites duma gruta? / Vem da psicogenética e alta luta do feixe de moléculas nervosas, que, em desintegrações maravilhosas, Delibera, e depois, quer e executa! Vem do encéfalo absconso que a constringe (...)”.*

E escrever, literariamente, tem duas vertentes principais: a poesia e a prosa. A poesia é mais relacionada com os sentimentos, destacando-se os temas do amor, e da morte, e também a grandiloquência dos grandes poemas épicos, enquanto a prosa abarca, por assim dizer, um espectro mais amplo porque mais livre, sem as amarras da métrica, da rima e do ritmo.

A prosa pode ainda ser filosófica, especulativa e tanto simples quanto caudalosa e volumosa como a de Victor Hugo na sua catadupa de palavras (inúmeros romances), ou realista como a que escreveu Émile Zola – “muitos livros”, ou ainda Euclides da Cunha em “Os Sertões”, ou concisa e precisa e descritiva, bastante desbastada de ornamentos, como a de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, ou, ainda um pouco poética como a de José de Alencar, em “Iracema” – “Verdes mares bravios de minha terra natal! Serenai, verdes mares, e deixai que o barco aventureiro, manso, resvale à flor das águas”, ou pode também ser minuciosa como a do escritos francês Xavier de Maistre, que escreveu o livro “Viagem à roda do meu quarto”.

E, finalmente, a literatura e a poesia transmitiram aos pósteros as lendas e a história de cada nação antiga desde a sua formação, ascensão e declínio. Alguns, dentre os escritores do passado, ficaram na memória de seus povos enquanto outros foram esquecidos porque assim já se pronunciavam os romanos: *“Sic transit gloria mundi”*.

# **ANTOLOGIA**



**A ASL e a sua poesia  
na atualidade.**

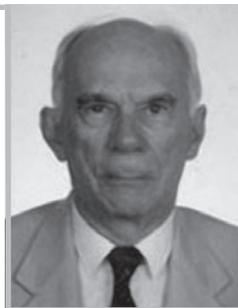
**(Poemas de Acadêmicos)**





## F. LEAL DE QUEIROZ

*Nasceu em Paranaíba (MS), em 1927. Advogado, com intensa participação na política em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Autor de Enquanto a Lira tange..., O Violino das Galeras, Santana do Paranaíba, Três Histórias, e Leal de Queiroz - poesia completa e alguma prosa, entre outras obras. Pertence também ao Instituto Histórico e Geográfico de MS e à Academia Mato-Grossense de Letras. Ocupa a cadeira nº 37 da Academia.*



### NA ÁRIA DOS TEMPOS

(ilustração bíblica)

Vês aquelas ruínas  
devoradas pelo tempo,  
que aos poucos desaparecem  
sob o pó da terra...

São a memória  
de grandes impérios,  
de reis poderosos,  
que venceram Nações;  
incendiaram cidades  
e aldeias;  
gravaram na rocha  
os seus efeitos;  
construíram palácios,  
monumentos em sua honra...

Houve, também, um Rei  
que exércitos não tinha,

as cidades poupou:  
estendeu a mão a todos;  
não fez prisioneiros,  
não subjugou as Nações,  
mas libertou os oprimidos;  
não pôs seu nome na rocha,  
mas no coração dos homens;  
não construiu palácios...

Hoje, porém,  
nas grandes cidades,  
pequenas aldeias,  
há um templo  
erguido em seu nome...

Nas mais altas torres  
ondula-se o eco  
dos sinos que soam,  
repicam,  
à sua memória...

## PARA UM ÁLBUM

Eu trago na palma da mão,  
desenhada,  
do teu nome a letra primeira,  
também, trago no coração,  
desenhada,  
tua lembrança,  
faceira criança.

Teu nome nos lábios dos anjos  
possui de um hino  
a melodia tocante...  
Eu quando procuro rimá-lo,  
(perdoa-me a heresia)  
me parece  
que o mundo possuo,  
e me sinto  
lá juntinho das estrelas...

## LAMENTO DOS ANJOS

Adolescência que se lamenta tanto,  
Cheia de sonhos, repleta de encantos...

Tu, que não passas de uma dança,  
sempre banhada de esperanças,  
és botão murcho na roseira  
dos meus sonhos.

Trago no peito u'a dor secreta  
a me enlear, que me inquieta...  
Não mais que um lírio moribundo  
já são meus dias!

Desprezas o teu terno amigo  
que inda supões fadar contigo,  
mas tu te enganas, velha amiga,  
é a velhice já quem me abriga.

Adolescência que eu também lamento,  
Cheia de sonhos, repleta de encantos:  
- Este lamento que minh'alma esconde  
é por ti, que deixou-me e não sei onde...

## CONTRATES

Enquanto o luar apostolar  
navega no antro escuro,  
com as setas aveludadas  
rasgando céleres o infinito,  
o sol ardente  
é um espadachim a terçar armas fulgurantes  
com a natureza paciente,  
resistindo a sua sedução...

Enquanto o riacho é alegre,  
tagarela,  
arrastando em aventuras  
suas águas borbulhantes  
pelo recôncavo das matas,  
o rio tonitruante,  
insano, luta com as corredeiras,  
com quedas e remansos...

Enquanto o mar é agitação,  
Arrebatando as emoções  
da sua própria grandeza,  
a praia é feita de silêncio,  
perfumada com o recolhimento  
dos corações tranqüilos...

Enquanto Madalenas se agasalham  
em pálios de luzes multicores,  
coloridas,  
de magnólias orvalhadas,  
e por confidente têm  
a sensibilidade angelical...

... A minh'alma herdou por lar  
um coração que bate desigual,  
prostituído,  
e por família  
o seio repugnante  
da humanidade infausta...

## PESADELO

Na sua paisagem sonhada,  
chegou:  
aps pés dos alcantis,  
onde o caminho deixava  
os vergéis risonhos;  
aos bosques de luz esmeraldina  
em que à noite lucilavam os vaga-lumes;  
onde borbilhava uma torrente  
tonitruante entre penedias...

Ali, trouxe-lhe o vento,  
zunindo,  
uma voz estridente,  
que, de quebrada em quebrada, ecoou;  
um oitibó,

não sei se uma graúna,  
também, seu canto trinou,  
as asas ruflando...

Da brisa aos suspiros, nervoso,  
da noite  
quebrando a harmonia,  
ao rulo das vagas se ouviu  
o aproximar do vulto misterioso.  
Anela de opresso o silêncio...

A Morte!  
(Que aspecto vulgar...)  
A caveira... O sudário...  
E na mão a foice empunhando...  
Falou-lhe:  
“És mortal, amigo,  
e te aproximas de mim  
a cada passo que dás”.

“Dei-te o sudário,  
– o véu da penitência –  
a foice possuis,  
– a tua razão –  
a caveira  
é tua carne apodrecida;  
resta, apenas, cuidares da alma...”

E despertou para a Vida!

## A FIGUEIRA

Acolhe em suas mãos o viandante  
e em sua fronde abriga as andorinhas,  
na primavera enfeita-se radiante  
de flores, de musgos e de gavinhas.

Cisma as almas na glória matutina  
aberta ao sol, à beira das estradas,  
entre os vapores rubros da neblina,  
a embriagar o poeta a rimar baladas,

por vê-la se agitando lá na serra  
onde mais mimo e formosura encerra.  
Dela um mundo de dádivas nos vem...

Desata o seu abrigo maternal,  
o berço, o esquite... E a negra cruz fatal  
do seu lenho Jesus forjou também!...

## SERRANA

És tímida serrana  
das campinas altas,  
dos ternos vales  
desabrochando espinhos,  
dos campanários onde  
os céus, a terra,  
as superfícies cristalinas  
se juntaram numa sinfonia  
de cor e encantamento...  
És tímida serrana

dos alcantis abruptos,  
onde a alma escapa  
sedenta de amplidão,  
e experimenta  
a vertigem cerúlea,  
expele um hálito silvestre,  
e voa ao encalço das estrelas...

## CARTAS VELHAS

Estão ali,  
folhas amareladas  
num amontoado das coisas  
já passadas...  
São retalhos  
que há um tempo  
fizeram soluçar,  
descompassados,  
dois corações distanciados.  
Promessas...  
Ilusões desfeitas...  
Estão ali...  
Um relicário de emoções  
que os ventos do destino  
refrescaram...  
E agora?  
Vejo caídas,  
uma a uma  
as folhas verdes  
de esperança.  
Tristeza?  
Talvez a saudade...



## AMÉRICO CALHEIROS

*Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: Sem Versos, Memória de Jornal, Da Cor da sua Pele, A Nuvem que Choveu, Poesia pra que te quero e Na Virada da Esquina. Ocupa a cadeira nº 7 da Academia.*



### NÃO ANDE SEM PALAVRAS

Não saia de casa,  
Sem levar uma palavra nova à rua.  
As palavras não podem ficar guardadas  
nas gavetas, bolsas e caixinhas de jóias,  
muito menos em estufas poéticas.  
Cofres não suportam o peso das palavras.  
As palavras precisam das ruas,  
onde caminham com novas companhias e sentidos.  
Quando não incomodadas pelos velhos dicionários  
as palavras têm pernas longas e sons infinitos.  
São ouvidas de longe  
e permanecem no ar séculos depois,  
sejam de amor ou de amigo ou apenas  
reescritas, descritas, fonadas e assépticas.  
As palavras têm saúde de sobra,  
vida longa à rainha palavra sempre.  
Não volte pra casa,  
sem trazer uma nova palavra da rua.

## GUAVIRA

A fruta ninguém explica,  
não é feia, nem bonita,  
é simplesmente guavira.  
Pequenas, redonditas  
lisas, peludas ou roliças,  
têm um sabor que atiça  
os feiticeiros da boca.  
Nos pés altos ou baixinhos,  
os encantos estão pendurados,  
num verde ou amarelado.  
- Vixe! É o sabor do pecado  
gostoso, que se faz na moita  
e gera muito afilhado.  
A catação era em grupo  
e tudo era uma festa.  
Guavira quase sumiu,  
de algumas luas pra cá.  
É o destino dos homens,  
ganância mesmo de fato,  
que põe fogo no cerrado  
e aniquila os vegetais.  
Guavira ainda sobrevive.  
Por quanto tempo,  
não sei.

## MANGUEIRAIS

O quintal de mangueiras,  
célebre paisagem do interior,

revela em invisível prancheta  
a arquitetura verde imprecisa,  
improvisando ambientes.  
Sua sombra matrona  
abriga olhos e sentidos.  
A cabeça soletra a indagação,  
que mãos plantaram tantas.  
Simétricas, desencontradas, aos montes  
entrelaçadas, grudadas, amasiadas,  
altas, frondosas, esguias, baixinhas.  
Tanta sombra embriaga os sufocados,  
que o sol teima em perseguir.  
Os sem eira nem beira,  
os mansos das redes, os comuns  
aos meses do ano que finda.  
Sobra manga de todo tamanho e espécie  
qualidade, cheiro, sabor e vontade,  
comida de graça, para gente pobre.  
Mangas imperiais, para os deuses da gula,  
colhidas nos mangueirais, são únicas,  
seu perfume adentra as veias,  
alcança as têmeoras, vai ao infinito.  
Limparam dos mapas dos quintais,  
ao toque da urbanização desmedida,  
os mangueirais do interior.

## **VIAGEM NO CARRO DE BOI**

Amanhecia num dezembro.  
O azul-do-céu tinha cheiro  
misturava o verde da terra

com cheiro de mato molhado  
e esterco de bosta de vaca.  
A infância cabocla viajava.  
O sereno de chuva delicada  
seguia no ranger do carro-de-boi.  
Lenta câmera de lerdas emoções.  
A criança do meu passado  
vigiava o passar da estrada.  
No digital das retinas  
imprimia o igual da paisagem,  
beleza rotineira do cerrado,  
policromias na memória,  
emas em briga com o próprio peso  
numa desajeitada corrida iam.  
Periquitos em revoada verde  
e seriemas magrinhas de tudo  
anunciavam o trajeto previsto.  
A fazenda brilhou ao longe  
feito desenho pra dissertação  
Estrela era seu nome.  
O mundo não tinha pressa.  
O relógio daqueles dias  
era o cantar escancarado  
do galinho carijó  
acordando o futuro.



## RAQUEL NAVEIRA

*Nasceu em Campo Grande (MS). Professora universitária. Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), dentre as quais: Via Sacra, Fiandeira, Guerra entre irmãos, Abadia, Samaritana, Maria Madalena, Casa de Tecla, Senhora, Casa e Castelo. É membro do PEN Clube do Brasil. Ocupa a cadeira n. 8 da Academia.*



### AO POETA LINO VILACHÁ

A lepra é um mal bruto,  
Cobre a pele  
De cogumelos brancos  
Entre fistulas cor-de-sangue;  
Mas há uma lepra mais impura,  
Morfética:  
Aquele que cobre o coração;  
Descobri em mim essa lepra,  
Vi no espelho  
Meu aspecto de leão,  
Só hoje vi  
E já se passaram tantos anos...  
Acompanhei a trajetória de Lino,  
Poeta leproso,  
Seus versos,  
Tocantes versos  
De homem e criança  
Acompanhando o enterro

De um pássaro preto;  
Versos cheios de flamboyants,  
De acácias,  
Tudo cercado pelos eucaliptos  
Do São Julião;  
Versos de uma alma  
Purificada como ouro  
No fogo do flagelo.  
Nunca o vi...  
Ele que me dizia: Poeta!  
Eu que o consolava: Poeta!  
Por quê?  
Porque tive medo de sua figura frágil,  
Pequenina, sem pernas,  
Sem mãos,  
Sua face deformada;  
Tive medo de olhá-lo,  
De fitá-lo para sempre  
Dentro de mim,  
Eu que o amava,  
Pois amo a poesia.  
Como tenho coragem de falar de amor?  
Queria, como antigos leprosos,  
Esconder-me no mato,  
Numa ilha deserta,  
Sem nem mesmo um cão  
Para lamber minhas chagas,  
Tenho vergonha, sim,  
De não saber amar.  
Nunca o vi...  
Talvez tivesse visto o Cristo,  
O brilho das almandas douradas,  
As violetas de Zena.

A mão divina me tocou,  
Curou minha lepra,  
Já se passaram tantos anos  
E só hoje vi!

## BORRA DE CAFÉ

Casa antiga e alta,  
Na sala  
Sofá e poltronas de veludo vermelho,  
Puído,  
Um grande relógio dourado,  
O quadrante forrado  
De flores artificiais  
Sob os ponteiros.

A turca,  
Gorda,  
De olhos fundos,  
Cabelos lustrosos,  
Vestida de negro,  
Perfume acre-doce,  
Observa a moça  
Que deseja conhecer o futuro.

Tome um gole desse café forte e frio,  
Deixe a borra assentar na xícara,  
Formar desenhos:  
Vejo uma carta,  
Uma proposta de casamento,  
Um filho homem, talvez,

É só.

Põe o dinheiro entre os seios,  
Moça boba  
Que confia na borra de café.

## GUAVIRAIS

Os guavirais estendiam-se pela orla da cidade,  
Saltavam dourados,  
Como que semeados pelo vento;  
A frutinha verde,  
De polpa amarela  
Era uma espécie de uva indígena,  
Misto de selva e sumo doce;  
Havia trilhas para os que vinham colher guavira,  
Alguns enchiam cestas,  
Chapéus,  
As mulheres aproveitavam os aventais  
Ou as rodas das saias;  
Ninguém parecia se importar  
Com o sol do verão,  
Tinindo de mormaço,  
Secando as cascas jogadas,  
Cheirando a bagaço;  
O pôr-do-sol descia  
Como um manto de sangue suave  
E, nesta hora,  
Mágica e morna,  
Os corpos quedavam para o amor silvestre,  
Viscoso como o mel das abelhas.

Ir no campo catar guavira  
Era o convite generoso e fecundo  
Desta terra de cerrado.

## JESUS

Caminho por um tapete violeta  
Estendido sobre nuvens.  
Como é suntuosa sua morada!  
Gotículas de chuva  
Cristalizam-se em diamantes  
E raios de sol  
Pendem das colunas  
Como correntes de ouro.  
Meu rei, meu Senhor!  
Quanto fausto!  
Quanto brilho  
Na tua túnica,  
Na tua coroa,  
No escabelo  
A teus pés!  
Por que ocultaste até o último instante  
Que eras rei?  
Por que não trouxeste  
O teu séqüito de anjos?  
Tuas hordas, teus leões, tuas trombetas?  
Por que te abandonaste a ti mesmo?  
Indefeso,  
Preso ao madeiro  
Como fruto apodrecido?  
Meu rei, meu Senhor!

Que suprema elegância!  
O manto, o cetro,  
O olhar que lanças  
E que gera em mim a ânsia de combate,  
A fé segura, o equilíbrio.  
Como eu poderia adivinhar  
Que um homem era Deus?

## O PARAÍSO ERA AQUI

O paraíso era aqui,  
Ao pé da serra,  
Onde os jequitibás se erguem frondosos,  
O ar rescende a baunilha  
E abrem-se os leques do buriti.  
O paraíso era aqui,  
Onde as laranjas ganham sumo,  
Os abacates se encorpam  
E a terra se trinca  
De caraguatás e abacaxis.  
O paraíso era aqui,  
Nas matas passeiam onças pintadas,  
Veados pastam flores,  
Lobos de caudas vermelhas,  
Lontras e quatis.  
O paraíso era aqui,  
Por toda a parte há ouro,  
Mármore ladrilhando ruas,  
Blocos de diamante,  
Lágrimas de rubi.  
O paraíso era aqui,

Eu o sinto toda vez que subo nesta pedra,  
No meio do rio Taquari.  
E a maçã?  
Bem, poderia ter sido um caju ou caqui.

## PANAPANÁ

Já viram um panapaná?  
É uma onda interminável de borboletas  
Que pousam sobre o pântano fumegante,  
Batendo as asas impacientes,  
Sorvendo sais da lama,  
Num desassossego  
De seres que não cansam.

Já viram um panapaná?  
As borboletas formam nuvens,  
Miraculoso caudal  
De pétalas alaranjadas,  
Perdidas e ligeiras,  
Em busca de flamas brilhantes.

Crisálidas,  
Meninas aladas,  
Espíritos viajantes,  
Esvoaçam como almas saídas  
De estranhas moradas.

Atravessei o panapaná:  
Era um banhado,  
Um brejo

Banhado de flores,  
Virei fada  
Do lado de lá.

## RETRATO DE UMA INFANTA

Este é o retrato de uma princesa,  
Uma infanta,  
Que jamais foi rainha  
Mas que guarda  
Na palidez da face  
Uma tristeza oculta,  
Um sofrimento  
Que a torna imortal  
E santa.

O retrato da princesa,  
Pequena infanta  
Vestida de negro,  
Diz que ela nunca se casou,  
Que sucumbiu  
No auge da vida  
A uma febre,  
A uma chama  
Que a consumiu  
E fechou-lhe a garganta.

O retrato da princesa,  
Pobre infanta,  
Mostra um corpo frágil,  
Uma cabeça erguida,

Uma testa ampla,  
Gerada por príncipes,  
Talvez das Astúrias,  
Há no seu olhar  
Um fascínio que encanta.

No retrato da princesa,  
Um espelho ao fundo  
Devora a sua imagem,  
O seu sonho de infanta.

.../

Seria ela Margarida?  
Amélia?  
Maria?  
Teria sido solitária,  
Exilada,  
Sem reino,  
Sem destino,  
Decapitada?

O que há nesse retrato  
Que tanto me espanta?

## **TERNOS DO MEU AVÔ**

Do fundo escuro do guarda-roupa  
Cheirando a guardado,  
A puído,  
A passado,  
Saíram os ternos do meu avô:

O madrepérola,  
Onde o tempo escorreu  
Como um mapa amarelado;  
O smoking,  
Ruído de naftalina  
E pasta branca;  
O xadrez,  
De lãzinha,  
Que dizia ser de detetive;  
Uma cor-de-vinho,  
Outra pêlo-de-ratinho,  
Juntei numa trouxa,  
Acaricieei os trapos,  
Meu avô vivinho  
No terno de linho,  
Terminou como todo mundo,  
Sozinho,  
Soluzei em ceco amarrando a colcha.

## TOURADA

*(Inspirado no filme “Fale com ela”, de Pedro Almodóvar)*

Preparo-me para tourear:  
Meias de malha,  
Colete de pedrarias,  
Capa vermelha.

Lá está ele:  
O touro preto  
Que me persegue e ataca,  
O macho indomável  
Com olhos de faca.

Rodopio, numa dança,  
Estranha bailarina de fogo,  
Lidando com o touro na praça.

Vem, animal,  
Guardião de meu labirinto,  
Vem com teu sêmen,  
Teu ardor violento,  
Elemento de sangue,  
Gênio do vento.

Vem, força descontrolada,  
Que agora é tudo ou nada:  
Ou te domino  
Ou sou dominada  
Nesta tourada.

Vem,  
Com teus pés de bronze,  
Tua alma endurecida,  
Teus cascos;  
Tens a fúria dos exércitos bascos  
E eu, o desejo  
De anular-te.

Essa é minha sina,  
Minha arte:  
Tourear  
Até que um dia  
Ele me mate.

## TUPANCYPORANGETÊ

Uma índia  
Vestida com um manto azul,  
A cabeça coroada de flores  
Segurando ao colo o filhinho  
E nas mãos um terço de contas.  
Era Maria,  
Era a América  
E todos os índios que assistiam à visão,  
Sabiam o que é ser menino,  
Que destino triste  
Aguarda aquela  
Que perde o filho no mar,  
No mato  
Ou na cruz  
E por isso, entre lágrimas, chamavam-na  
De mãe  
De formosa  
De rosa do céu:  
Tupancy Porangetê!



## ALTEVIR ALENCAR

*Nasceu em 1934, em Teresina (PI). Radicou-se em Mato Grosso do Sul, chegando a ser prefeito de Nioaque (MS). Reside na cidade natal. É exímio poeta sonetista. De suas obras, destacam-se: Poemas da Solidão, Poemas pra quem sabe amar, Algumas Poesias, Êxtase, Anda vem cá, Livro de Sonetos. Ocupa a cadeira 34 da Academia.*



### PASTOR DE SONHOS

Como a cigarra trêfega e vadia,  
Que canta para o mundo e não se cansa,  
Eu quis também cantar uma esperança  
Em meio a esta torrente de agonia.

E alcei a voz, deserta de harmonia  
Pelo estendal do campo. E, sem tardança,  
Voltou-me o verso ao peito – igual à lança -,  
E a voz morreu sem eco, ao fim do dia.

Pobre pastor de sonhos, não devia,  
Em vez de apascentar minhas ovelhas,  
Subir às altas fimbrias da Poesia.

Hoje suporto um sofrimento estranho:  
Não, pelo fato de ser poeta um dia,  
Mas por ter dispersado o meu rebanho.

## COQUEIRO DA PRAIA

Velho coqueiro solitário e triste,  
Batido pelos ventos eternos,  
Que nunca o canto da ventura ouviste,  
Atado à imensidão dos litorais...

É desgastante o teu viver. Surgiste  
Para penar, sem súplicas, sem ais.  
Tu és o condenado que resiste  
Ao vergastar atroz dos vendavais.

Somos iguais na solidão do mundo.  
Sinto-me exausto, velho, moribundo,  
E o temporal das dúvidas não diz,

No desespero desta semelhança;  
Tu nesta praia, eu na desesperança,  
Qual de nós dois será mais infeliz?

## LENTAMENTE

Cigarra, nunca mais ouvi teu canto  
Dês que passou o já longínquo estio.  
Pareceste afogada no teu pranto?  
Matou-te a fome? A solidão? O frio?

Venho encontrar-te. Vou a cada canto  
Deste sítio telúrico e sombrio.  
E todo dia volto em desencanto,  
Silente, frágil, mudo e doentio.

Não mais te escutarei: assim a gente  
Vai se afastando da felicidade  
Nesta desesperança tão pungente.

Cigarra, que cruel fatalidade:  
Eu também vou morrendo lentamente  
De solidão, de mágoa e de saudade.

## SÃO FRANCISCO

“Uma esmola, senhor! Já estou cansado  
De andar assim pedindo porta em porta,  
Para enterrar meu pai, pois o coitado  
Morreu, eu vivo só, mamãe já é morta!”

“Tome esta esmola. E tudo quanto importa  
É que seu pobre pai seja enterrado.  
Dar é um dever que a todos nós conforta...  
E vai com Deus, meu cordeirinho amado!”

Emocionado e em pranto, o garotinho  
Que as santas mãos lhe beija e lhe agradece,  
Pergunta: “Quem sois vós, meu bom velhinho?”.

“Eu sou o amor, a caridade e a prece.”  
E se afastando um pouco do caminho,  
São Francisco de Assis desaparece.

## VELHO PORTÃO

Ô meu velho portão despedaçado,  
Onde as tormentas batem sem cessar,  
Assim velho, assim triste, assim cansado,  
A gemer, a ruir, a desabar!

Eu também, pelas dores açoitado,  
Aos turbinosos ventos do penar,  
Eu comparo-te a ti, ó escancarado  
Portão que nunca mais hás de fechar.

Abriste como os olhos na loucura,  
Como os braços de alguém na madrugada,  
Que de um dormir não teve mais ventura.

Assim, velho portão, eu também sou:  
Sou a porta da vida, escancarada,  
Que a rajada da angústia escancarou.

## POETA

Tu ficarás, embora o mundo inteiro  
Reverta ao caos, e a própria humanidade  
Regida ao barbarismo. És o primeiro,  
E assim penetrarás na Eternidade.

Porque, sereno em meio à tempestade,  
Hás de seguir seguro o teu roteiro.  
Se és o arauto do Sonho e da Verdade  
Não passarás. Tu ficarás, pioneiro.

E morto, um dia além esta existência,  
Sentirás com que força e resistência  
Teus sonhos extra-humanos e imortais,

No esquecimento e no abandono imersos,  
Refulgirão na opala dos teus versos  
Como a luz na pureza dos cristais.

## SÚPLICA

Ó sacrossantas mãos umedecidas  
No sangue de quem pende do madeiro!  
Mãos que acenaram para o adeus à vida  
Na humilhação do instante derradeiro...

Pálidas mãos que agora estão pendidas  
Num gesto humildemente sobranceiro,  
Depois da extrema dor da despedida  
Ao filho injustiçado e justiceiro...

Tende, ainda uma vez, na humanidade  
E no supremo amor desta humildade,  
Vossa expressão de alma de mãe, tão boa.

Não permitais que eu fique arrependido  
Pelo estendal do mundo mau, derruído,  
Sem vosso santo olhar que ama e perdoa!

## TEUS OLHOS VERDES

Bandeirante do amor, parti cantando  
Na busca ingrata de jazidas puras.  
E depois de carpir mil amarguras  
Nos matagais da vida, soluçando,

Tive sonhos febris. Sofri tonturas  
Ante o fulgor do que vivi buscando.  
Não conheci no pobre peito, arfando,  
As carícias, os beijos, as ternuras.

E regresssei, certo de haver achado  
As minas divinais de um sonho ousado,  
Entre rios, florestas, entre abrolhos.

Jamais alguém achou tanta riqueza  
Como eu achei – o Poema da Beleza  
Das esmeraldas tristes dos teus olhos.

## TREVA E LUZ

Quebra-se a luz que ilumina a vida.  
Já estou cansado de viver pensando,  
Ou melhor, de viver raciocinando  
Sob a espiral de dúvidas construída.

Longos anos de estudo, só pensando  
Na cruz que no meu cérebro foi erguida.  
Sinto, exausto e extenuado desta lida,  
O vulto do saber me abandonando.

Quebre-se a luz. Faça-se treva o mundo.  
Converta-se em desgraça o ideal profundo  
Que me tortura, transformado em lei!

Neste drama mental eu não me rendo:  
Quanto mais me consumo, e estudo e aprendo,  
Mais me convenço de que nada sei!

## ÚLTIMA CARTA

Tenho nas mãos tua carta. A última por certo.  
O mudo testemunho deste amor tão triste.  
Teu coração sem vida, assim como um deserto  
Onde não medra o amor que sempre me seguiste.

Já não lembras do céu do dia em que partiste,  
Não falas de ti, do campo em flor aberto.  
Nem das noites de ardor, do beijo que persiste  
Orientando o amargor do meu destino incerto.

Porém, eu, que alimento esta paixão secreta,  
Que rindo te ofertei meu coração de poeta,  
A vida, a glória, o amor, a própria mocidade,

Tenho os olhos sem brilho, em lágrimas imersos,  
Por ver que já não podes compreender meus versos  
Nem afastar de mim a dor da saudade.

## CÍRIOS DO AMOR

Há sempre uns olhos bons acompanhando  
A vida errante do meu pobre ser.  
Olhos que nas vigílias vão velando  
A minha marcha para o entardecer.

Olhos que à noite, nos caminhos, quando  
Procuro os densos ermos pra esquecer,  
Piedosamente saem iluminando  
A senda escura do meu padecer.

Círios do amor, estros das naturezas,  
Faróis do mar rebelde de incertezas,  
A me guiar – nauta dos desatinos!

Eu bem que os compreendo, olhos de criança.  
Olhar que vive imerso na esperança  
Da sombra dos meus passos peregrinos!

## SONETO I

Já tantos anos hei desperdiçado  
Na perda ilusão de ter-te um dia,  
Que não sei discernir minha agonia  
Depois de tanto sonho malogrado.

Audaz mergulhador, eu não sabia  
Que, bem no fundo desse oceano irado,  
Em vez do amor que me trouxe abrasado,  
O polvo da desgraça encontraria.

Mas não direi as esperanças ruídas.  
Se a mão da dor, unindo nossas vidas,  
Nos separou de um modo tão tirano,

Fez deste amor a dor que tanto exalto:  
Se, para te alcançar, subi tão alto,  
Desci de desengano em desengano.

## TALISMÃ

Basta! Encontrei a fórmula divina  
Do tálamo específico do mundo.  
Dividi em cem mil vezes o segundo  
Na ampulheta de brávia cristalina!

Domei o cosmos nuclear profundo,  
Fiz da filosofia uma oficina.  
Transformei numa concha purpurina  
Toda a matéria do meu ser imundo.

Movam-se as ondas de cristal do oceano.  
Ruja, feroz, o temporal do inverno.  
Tornem-se fogo as lágrimas de Deus...

Faça-se luz no meu desgosto insano,  
E eu beba a paz do sorvedouro eterno  
Nas infinitas amplidões dos céus!

## DIÁLOGO

Por que tanto estertor? Tanta amargura?  
E para que este oceano de agonias?  
Tudo me diz que o anátema de agrura  
Vai extinguir a calma dos meus dias.

“Triste filho da dor, tu não sabias  
Que a raiva é a própria essência da loucura?  
Que a luz do sol não bate na planura  
Se entre eles dois existem serranias?”

Agora entendo os tremedais das sanhas!  
Há os que nasceram em cima das montanhas  
E abaixam a fronte para olhar o mundo.

“És o infeliz que os deuses martirizam,  
E para ver o chão que os outros pisam  
Tem que subir de abismo tão profundo!”



## REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



*Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: Saga Pantaneira, Futebol - Uma Fantástica Paixão, Futebol Campo-Grandense, O Paladino do Pantanal, e Frei Gregório de Protásio Alves. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.*

### CORETO - UMA SAUDADE

Coreto de Itabaiana, uma saudade  
Ditosa, sem limites, luminosa...  
Templo musical – antiga retreta,  
Recendia a céu, a ele, toda a glória.

És acalanto de minha infância,  
Sou em ti meu próprio mais além,  
Flutua no tempo tua ausência,  
Baila em sonhos, faz-me bem.

Penso em ti além da instância  
Tua beleza me inventa o amor,  
Alô meu coreto, alô Itabaiana,  
És espelho maior do meu esplendor!

## NO ALCANTIL DE TEUS SONHOS

Na face da saudade encostei o meu coração,  
No silêncio de teu olhar finquei a esperança,  
Na mornidão de teus beijos plantei a sedução,  
No clarão de teu amanhecer fisguei a bonança.

Sobre mim passa um rio de felicidade...  
Sobre ti jorra a fonte pura da alegria.  
No alcantil de teus sonhos, sou o vate,  
Dos pecados que trago, tu és a orgia.

Nos minutos da vida sempre te busco,  
Nos vagueios da emoção não me assusto,  
Ao teu lado, tudo suporte, tudo agüento.  
Guardo-te nas entranhas dos pensamentos.

## O VERÃO DOS MEUS SONHOS

O verão dos meus sonhos é o cristalino,  
O cristalino do teu olhar, lindo sedutor,  
Brinquei em tuas retinas como um menino,  
No céu de tuas pálpebras, sou um sonhador.

O verão dos meus sonhos é o desabrochar,  
O desabrochar deste sorriso laçador,  
Perfumei os lábios com a flor do manacá,  
No cantinho de tua boca soletrei o amor.

O verão dos meus sonhos é a tua carícia,  
A carícia de tuas mãos, atrevidas, fegosas,

Arrepia o meu corpo, que doce malícia,  
De noite, de dia, teu carinho me renova.

O verão dos meus sonhos é a suavidade,  
A suavidade de teus cabelos aveludados,  
Vadios, macios, segredam tua castidade,  
Cobrem enfim, a volúpia do nosso pecado.

## **SONHEI COM FLORES, SONHEI CONTIGO...**

Procurei escutar meu coração, que gemia  
O deslizar macio da brisa veio a brilhar  
Nos olhos verde-claros, belos, sedutores  
Rasgavam-me o peito e a emoção a soluçar...

Procurei escutar meu coração que ardia.  
O jardim era ela, ninfa cheirando a rosa,  
Sorriso laçador, cravejando-me de ternura.  
Enjaulando-me feliz em catênula amorosa.

Procurei escutar meu coração, que dizia:  
“Sonhei com flores, sonhei contigo...”  
Loirinha esbelta, ainda com jeito de menina.  
Acordo mirando-te, esta será a minha sina?

## **SORRISO DE FADA**

Goteja saudade neste poema,  
Há um sorriso tão distante,  
Suave, inigualável, sedutor,  
Perfumado, lindo, cativante.

Chove tua ausência neste verso,  
O poeta se deleita num retrato,  
Olho para tua face meiga, choro,  
Há emoção neste momento ingrato.

Quisera dominar os quilômetros,  
Ser um raio, encurtar a estrada,  
Para num segundo ouvir tua voz  
E sugar teu belo sorriso de fada.

## MINHA ÁGUA DELICADA

Tu és minha água delicada,  
Gemedora e azul deste sonho,  
A rosa perfeita e perfumada  
Do meu célebre jardim risonho.

Tu és a véspera da minha chegada,  
O andor dos santos desta procissão,  
O galope cadenciado da cavalgada,  
O clarear das idéias... meu perdão.

Tu és a garra do meu destemor,  
A alma e o sangue da minha paixão,  
O que me resta do último amor,  
És por fim as batidas do meu coração.



# FLORA EGÍDIO THOMÉ



*Nasceu em Três Lagoas (MS). Professora universitária aposentada (UFMS). Dentre suas obras destacam-se: Cirros, Antologia Dimensional de Poetas Três Lagoenses, Cantos e Recantos, Retratos, Haicais e Nas Águas do Tempo. Colaborou com a revista MS Cultura e, atualmente, nos jornais de Três Lagoas e região. Ocupa a cadeira nº 33 da Academia.*

## BRINCANDO COM A GRAMÁTICA

*(Haicais)*

Sem substantivo  
tudo chamar-se-ia coisa  
coisificação total.

Crendo ou não,  
para o homem, adjetivo  
também é religião.

Seria a vida  
indeterminada  
não fosse o artigo?

Numerais  
no infinitivo limitam  
nossa vontade e intenção.

Pronome é um nome  
no lugar de outro nome  
que não quer aparecer.

O verbo é um poema:  
a cada ação ou estado  
cria e recria a natureza.

Modifica altera  
confirma ou nega.  
Advérbio.

Não fossem as preposições  
viveria o homem  
num mundo sem relações ?

Conjunções  
orquestra sinfônica  
de oração nas orações...

O tônus emocional  
do homem imaterial...  
interjeições.

Não fosse o porém  
minha vida, talvez,  
mais leve correria...

Quando quando quando  
sem você  
eu seria atemporal.

Viver a ferocidade das luzes  
tempo decomposto.  
Justaposição.

Em noites acesas  
a palavra não dorme...  
vira serenata.

No mundo surdo-mudo  
palavras brotam das mãos  
deslaçando nós.

Entre sinais de pontuação  
a palavra circula...  
sem eles seria o caos ?

Em ritmo de valsa  
dançam palavras  
na ciranda das vírgulas.

Expressões  
carregadas de reticências  
reticências são...

Quando te sinto  
nada me aflige...  
alma enxuta. Ponto final.

Fecho o sorriso  
me escondo nos óculos.  
Ponto e virgula.

Na aridez do calcário  
uma gota de flor.  
Dois pontos: o calor humano.

Cartas – roteiros  
onde se entregam e se enterram  
com mil interrogações.

As árvores estão de pé  
e celebram a natureza...  
É a vida em exclamação!

Vive no labirinto  
de si mesmo...  
vida entre parênteses.

A sombra é verde... O sol  
é negro... Na miragem,  
a vida entre aspas.

Sino tocando... rege  
monotonia da tarde.  
Crer – travessão humana.

Amor perfeito  
mais-do-que-perfeito  
amor perdão.

## LÁ VEM UM TREM

Lá vem um trem  
correndo vem  
fazendo curva  
jogando apito  
cheio de trem...

Eu vejo um trem.  
Um outro trem.  
Trem. Mais trem!

É trem que chega  
trazendo gente  
cheia de trem.  
Trem. Muito trem.

Que tenho eu  
com esse trem  
que longe vem  
se não me traz  
nenhum alguém ?

## MENINO MOLEQUE

Menino Moleque  
é gente de fato  
é esperto  
é danado  
é briguento  
é falaz...

Menino moleque  
de mãos sempre sujas  
de cabelos longos  
de roupa emendada  
não usa sapato  
nem mesmo botina  
não “dorme no ponto”  
não topa preguiça  
remexe... revira  
é tremendo  
é audaz !

Menino moleque  
metido a ser grande  
que fuma e namora  
já entende da vida  
já entende mulher  
ninguém o tapeia  
ninguém o engana  
pois sabe o quer!...

Menino moleque  
de alma febril  
de estilingue no bolso  
roubando laranja  
roubando galinha  
que faz confusão  
e muita miséria  
miséria de fato

é incrível  
é fantástico

é az  
é vilão!...  
traz o diabo no corpo  
e Deus, no coração...

Menino moleque  
de infância distante  
de mundo da escola  
e aprendeu a ler  
na escola da vida  
foi moço de fita  
sem fita fazer !

Menino moleque  
de ponta de rua  
de beira de rio  
de porta de bar  
de casa vadia  
o que esperas da vida  
e o que te espera o amanhã ?  
eu te pergunto agora :  
o quê ?

## JOÃO SORVETEIRO

Momentos da vida  
plantados no meio da infância.

Avental e quepe branco  
voz estridente  
riso e gestos largos...

tocando a sua buzina  
lá vinha o João Sorveteiro  
coçar a vontade da gente.

De cara, logo dizia:  
- sorvete só com trocado!  
- fiado, não!

E pra nossa agonia  
a vontade pelo sorvete  
já não tinha nem cor!  
o corpo se encolhia...  
olhos na garganta  
e a língua, nua e solta,  
sonhava com o sorvete  
do Sorveteiro João!

Todas as tardes  
a cena se repetia:  
- lá vinha o João Sorveteiro  
- coçar a vontade da gente!

Mas sorvete  
só com trocado...  
- fiado? Não!

Desejos da infância  
derretidos no meio da rua!

## UMA ESCOLA PASSOU POR MINHA VIDA

Uma escola passou  
por minha vida  
e, por vontade,  
pedi carona...

Olhos  
boca e mãos  
corpo e alma,  
enfim, toda,  
por inteira,  
virei giz, quadro-negro e apagador !  
virei lição  
virei aula...

E desta viagem outonal  
de mil suores coalhados  
de mil tropeços e incertezas  
de mil venturas recolhidas...  
desembarcar, como ?!  
se uma vertigem gótica  
me rola... me assola  
e me impede de...

Uma escola passou  
por minha vida  
e, por vontade,  
pedi carona...





## RUBENIO MARCELO

*Poeta, compositor e revisor, é autor de sete livros publicados: Fragmentos de Mim, Cantar pra Viver, Estigmas do Tempo, O Metrô de São Paulo, Reticências... Sonetos & Outros Poemas, A Cultura Popular na Educação, e Graal das Metáforas. Lançou também dois CDs musicais. Ocupa a cadeira nº 35 da Academia. Pertence também à Academia Maçônica de Letras de MS.*



### TAÇA POÉTICA

Há um vaso dourado sobre o escrínio  
Que decora um recinto azul-turquesa,  
Ofertando borbotões de fascínio  
Aos condôminos do reino da pureza.

Há magia e luz neste condomínio  
Esparzindo os arcanos da beleza...  
Quem com o estro coabita em tirocínio,  
Fertiliza a existência com lhaneza.

Assim como os antigos navegantes  
Procuravam tecer rotas distantes  
Seguindo fielmente a estrela-guia,

Quando o tédio quer invadir meu ser,  
Eu procuro guiar meu proceder  
Com os faróis desta taça de estesia.

## **JESUS, MEU ABRIGO!**

Um grão perdido num almofariz...  
Assim vezes me sinto – então eu paro.  
Aí percebo, neste instante amaro,  
Que a minha fé se encontra por um triz.

Jesus, se estou contigo, algo me diz  
Que forte sou, pois tenho o Teu amparo.  
O Teu amor é o mais puro preparo  
Que traz alento para o infeliz.

A Tua destra aponta a direção  
Da luz que plenifica a redenção  
E extirpa todo o mal, todo perigo.

Torrente eterna de libertação,  
Senhor Jesus, só Tu és claro abrigo.  
Ó Cristo, estou feliz... Estás comigo!

## **PALMILHANDO O MUNDO HIPÓCRITA**

Com pé atrás, tomei a decisão:  
bati o pé, botei o pé no mundo...  
E eu, que sempre tive os pés no chão,  
de pé pra mão, não perdi um segundo.

Pé ante pé, num mundo em pé de guerra,  
notei que, aos poucos, fui perdendo a fé...  
Aí pensei voltar os pés pra terra,  
mas era tarde... E já não dava pé.

Hoje, de orelha em pé, eu aprofundo  
a minha condição de ser-no-mundo...  
Num mundo que taxa aquilo que é crime.

... Este tal mundo é o mesmo mundo imundo  
que pisoteia os fracos (e os oprime),  
mas lambe os pés dos crápulas do regime.

## ALGIAS DO COTIDIANO

As dores d'alma ferem como espada...  
Eu as pressinto quando estou em calma;  
E, quando acordo em fria madrugada,  
São elas que me espreitam, qual um talma.

Assim eu traço instável caminhada,  
Buscando um norte, a sorte, a luz, a palma.  
Projeto em névoas a minha almofada,  
Mirando a xalma vã das dores d'alma.

Ah... Estas sensações são as visagens  
Que chegam em soturnas carruagens  
E cravam no desvão do tempo a seta...

As dores d'alma são dores do mundo:  
Arcano impulso inquieto, assaz fecundo,  
Que ronda a mente insólita do poeta.

## JARDIM DE QUIMERAS

Nas mãos sublimes que oferecem rosas  
Pra sempre fica um pouco de perfume.  
Assim, vou com meu estro, ainda implume,  
Buscando as linhas destas mãos airosas...

Em meio às colunatas venturosas,  
Perscruto a dimensão de cada lume;  
E, rindo do punhal do meu queixume,  
Eu sigo contemplando as nebulosas...

Vislumbro as madrugadas-passarelas  
Por onde as deusas e as musas mais belas  
Desfilam perfumando o meu jardim...

Mas quando vem o dia, num lampejo,  
Tudo se esvai... Castália não mais vejo;  
As minhas flores choram... Caio em mim!

## SONETO DO MEU EXÍLIO

Não esqueço as toadas, cantigas tão belas  
Que fiz só pra ela (e a noite carregou...);  
E a brisa marinha que testemunhou  
Nós dois bem juntinhos, fitando as estrelas...

Não esqueço as manhãs branqueadas de velas,  
Fantásticas telas – beleza sem par –  
Balouçando, aos ventos, num lindo bailar,  
Seduzindo as ondas, vencendo as procelas...

Recordo a tardinha, dia, mês e ano,  
Em que eu abracei meu destino cigano  
E, em meio a geenas, fui peregrinar...

Hoje estou vagando (cerviz combalida)  
Lembrando os enlevos reais da minha vida  
Que, um dia, ficaram na beira do mar.

## SONETO INTROSPECTIVO

É noite. Entrarei no meu dormitório.  
Quem sabe, amanhã não acordarei;  
Talvez na madrugada já estarei  
Com Láquesis trilhando o fado inglório...

Meus sonhos... deixarei lá no escritório.  
As senhas, no cartório deixarei;  
E as minhas coisas vãs jamais verei,  
Tampouco o meu retrato merencório.

A máquina do fim está montada.  
E nessa derradeira madrugada,  
As parcas puxarão os meus cabelos.

Nesse meu solilóquio, que é o final,  
Num transcendentalíssimo ideal,  
Darei adeus a todos pesadelos!

## SONETO PARA DUAS ESTRELAS

No negro infinito, oh que sublime estrela!...  
Ah... Linda aquarela que faz recordar  
Daqueloutra estrela, radiante, tão bela...  
Garbosa donzela... Oh estrela-do-mar!

Formosa ninfeta. Perfeita donzela,  
Oh! leda gazela, magia estelar!  
Olhar que fazia o meu mar sem procela;  
Só ela era a guia do meu estradar.

Estela do mar, que me disse, em segredo,  
Jurando – sem medo, com fulgor ardente –  
Ser minha somente, até mesmo em degredo!

Mas hoje, tão longe, consciente/mente,  
Rebrilha saudades com lume sem fim,  
Qual celeste estrela distante de mim...

## BARDO SONHADOR

Sou simplesmente um bardo sonhador  
Que vive a vida inseqüentemente,  
Buscando aquele amor que, sempre ausente,  
De tão dolente é qual um desamor.

E nesta busca, quase inconsciente,  
Eu vou sonhando um sonho multicolor...  
Mas, já sem cor, contemplo o dissabor  
Da austera dor que vai à minha frente.

Veze, vestido em versos que componho,  
Eu me alimento da ilusão do sonho  
E assim renego ser um sofredor.

Mas acalento tantos desencantos,  
Sorvendo insônias (desamores tantos),  
Que me pergunto: – Ainda existe amor!?

## SONETO EXTREMO

Augusto menestrel, quero rogar-te  
O perdão próprio das horas extremas.  
Pois busquei a bonança em toda parte,  
Entanto eu espargi tantas calemas...

Versos hirtos atados por algemas  
Dimanaram do meu vão talabarte...  
Assim eu me perdi em mil dilemas  
Qual truão da tal commedia dell'arte.

O meu ser dissoluto, aflito e rude,  
Nem mirou meu velado almofariz  
Cavando o meu sepulcro em plenitude...

E agora... Ante o plúmbico matiz,  
Quero que cerrem já meu ataúde  
Com teu Eu apoiando-me a cerviz.

## SON(H)ETO PARA A DAMA DOS SONHOS

No dia em que eu puder te contemplar,  
Bela musa sonhada, linda dama,  
Com assaz alegria e alma em chama,  
Louvarei este instante singular.

Ante a tua estupenda formosura  
E mirando tuas curvas de veludo,  
Eu, em dólido canto, ou mesmo mudo,  
Honrarei esta imagem de candura...

Pois teu ser representa para mim  
Algo além do prazer convencional,  
Posto que és muito mais que um ser carnal...

És igual a uma Deusa e, sendo assim,  
Colherei rosas rubras no jardim  
E dar-te-ei em prelúdio virginal!

## SONETO À REFLEXÃO

Ah! Se esses insensatos do poder  
Parassem um segundo pra pensar...  
Veriam que esse 'mundo nuclear'  
Que eles edificaram, com prazer,

Destrói a auto-estima, o bem-querer  
Da nossa mundial comunidade,  
Que sobrevive, quase em orfandade,  
Sempre à beira do caos, sem alquicer.

Para esses belicosos inclementes  
É fácil derrocar uma nação;  
Nem lembram que essa vil destruição,

Oriunda de suas mãos impenitentes,  
Trucida crianças e adolescentes,  
Aniquila os princípios da razão.

## **GLOBO DA MORTE**

No ziguezaguear estrepitante  
de suas colossais motocicletas,  
em alta adrenalina, os cinco estetas  
vão imortalizando aquele instante...

Num habitáculo esférico, eletrizante,  
marchetado de luzes inquietas,  
estrugem máquinas, em loucas roletas,  
aos olhos da platéia vigilante.

Alfim, de súbito, cessam os fragores:  
os alazões de ferro e seus senhores  
voltam às posições iniciais.

Do globo, abre-se uma portinhola...  
Os acrobatas saem da gaiola  
e novamente são meros mortais...

## SONETO ASSINTOMÁTICO

Quis fazer um soneto assintomático,  
Assim como alguns versos que eu já fiz.  
Evolar-me liberto então eu quis,  
Aos enleios de um plectro homeopático.

Procurei me despir do tom dramático  
Que nos prende e nos faz desinfeliz;  
E timbrei impressões em branco giz  
No negror do meu quarto sorumbático...

Expandindo a visão, em grã clareza,  
Decifrei o fetiche da leveza  
Que guiou o meu ser transcendental...

Erigi mil castelos já dispersos  
E, na paz da cadência dos meus versos,  
Um soneto embalou-me em madrigal!

## SONETO ÍNTIMO

Os meus passos estão tão desgastados...  
Meu olhar taciturno e já sem cor.  
Minha face já não fala de amor,  
Pois me encontro tal qual os desgraçados.

Há em mim um abismo de amargor  
Que eu herdei da ribalta dos malgradados.  
Ofusquei meus sonhos encantados  
Com insânias... Insônias de pavor.

No meu ser só habita escuridão  
Que me faz um sofrível objeto.  
Por isto eu te suplico, ó coração:

Pára logo de vez a pulsação,  
Sucumbindo este meu corpo abjeto,  
Já cansado do mundo (este grilhão!).

## **SUA EXCELÊNCIA, O VOTO**

Mostrar que é hora de o Brasil ser o Brasil  
Do povo honesto, brioso, trabalhador.  
Dizer um não ao ladino, ao sorriso vil  
Que mimetiza o semblante do impostor.

Não ser bovino que, amordaçado ao canzil,  
Sofre e nem sabe o motivo da sua dor...  
Agir consciente, com gesto nobre e sutil,  
Buscando as sendas de um sol de real fulgor.

Fazer valer instrumento espetacular.  
Dar basta aos bandos, às fraudes, à corrupção  
E aos escândalos que tisnam esta nação.

Clamar justiça, igualdade, paz, retidão;  
Bramir que é hora de este país melhorar.  
Deixar tudo isto patente... Saber votar!

# RÉQUIEM

Ah, a erma sensação.  
A mesma imolação que vem  
para despir o sonho  
e desacorrentar  
os uivos dos vendavais  
ante a morraria impenitente  
da infinita expectativa...

... Só terei o tempo  
pra chorar a solidão  
e as mesmas mãos  
para vestir o semblante da noite  
que se prolongará sobre o dia...  
Em eterna descanção.

Ah, a solidão,  
a sólita acridão.  
Torpor.  
Inerte coração.



## ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

*Nasceu em Cruz Alta (RS) em 1924. Professor e Advogado. Morou durante vários anos em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou, dentre outros títulos: Sarabico e Tico-Tico (infantil), Crônicas de Ontem e de Hoje, Rimas e Ritmo, e faz parte de numerosas antologias poéticas. Ocupa a cadeira 26 da Academia.*



### AS DUAS CHUVAS

*(Para o confrade Geraldo Ramon)*

Essa chuva de Deus, tão cristalina,  
Que faz a Natureza emperolada...  
E a minha chuva – chuva lenta e fina,  
Uma tão clara – a outra embaciada.

Chove lá fora, a chuva que é divina;  
Chove aqui entro, quase uma enxurrada!  
Com a de fora, a floração germina;  
Com a de dentro, a alma é alagada.

Ah! meu Senhor! A água das alturas  
Fecunda a terra, torra as criaturas  
Como se fossem límpido jardim!

Mas esta chuva, que me cai dos olhos,  
É de amargura, de espinhais e abrolhos  
Que teimam muito renascer em mim!

## BILHETE A JOÃO HÉLIO

Anjo-Menino, João Hélio,  
Ouve, no céu, onde estejas,  
Como se fosse uma igreja,  
A nossa oração de dor.  
És a vítima inocente  
Da engenharia tirana  
Dessa barbárie humana  
Feita de sangue e furor.

O mundo, João Hélio, o mundo,  
O Brasil, infelizmente,  
É um Coliseu permanente  
De sangrento festival.  
A violência é que domina  
Nas ruas e na cidade,  
Império de crueldade  
E sementeira do mal.

Não seja vã tua morte,  
Nem caia no esquecimento.  
Solidão e sofrimento  
Convivem com os teus pais.  
Como tu, quantas crianças  
Sofrerão a mesma sorte,  
Em vez do sorriso, a morte,  
Um adeus... e nunca mais.

Anjo-Menino, João Hélio,  
Este bilhete que escrevo,  
Pois, eu acho que te devo

A minha explicação:  
Repudio a violência,  
Combato qualquer maldade,  
Bato palmas à bondade,  
Ao amor, paz e união.

Por isso, guri celeste,  
Não te esqueças das crianças,  
Elas são as esperanças  
Que enfeitam nosso viver.  
Pede a Deus e à Virgem Santa  
Que não as deixem no olvido.  
Eu te agradeço, querido,  
História tu hás de ser.

## CHINOCA

Chinoca, se eu pudesse,  
Apeando no teu costado,  
Meu coração palanqueado  
Nesse teu corpo de flor.  
Sentindo, chinoca linda,  
O teu aroma de rosa,  
Te juro, que não é prosa,  
Te dava um banho de amor.

Nunca mais eu campereava  
E nem parava rodeio.  
Alçando o Pingo no freio,  
Te bombeava sem parar...  
É que tu, com essas tranças

E esse corpo roliço  
É benção ou é feitiço,  
Um pecado não te amar.

Minha chinoca faceira,  
Estampa do meu Rio Grande,  
Eu ande por onde ande,  
Tu vais comigo também.  
Vais no canto da seriema  
Ou no patear da boiada,  
Mulher assim tão amada,  
Eu não conheço ninguém.

Chinoca, eu bem queria,  
Golpeado pelos desejos,  
Te marcar com os meus beijos,  
Para nunca te perder.  
Pois, se isso acontecesse,  
Pelearia como um touro,  
Chinoquinha, meu tesouro,  
Sem ti eu não sei viver.

## O MATRIMÔNIO

Dois corações que se amam,  
Que pulsam conjuntamente,  
Serão depois a semente  
De uma colheita de amor.  
Mas, se não houver: me perdoa,  
Me desculpa – isso é certo,  
Estará ali bem perto  
O espinho em vez da flor.

Essa união é interessante  
E é a pura verdade,  
Necessita de humildade  
Para a sua duração.  
Intolerância, vaidade,  
Orgulho ou prepotência  
Matam qualquer existência,  
Também a do coração.

Portanto, são as virtudes,  
Nunca jamais os vícios,  
Indiferença, artifícios  
Que sustentam essa união.  
Casamento, coisa linda!  
E quando de amor for feito,  
Será um elo perfeito,  
Sem ruptura ou confusão.

## OS ET'S

Os Et's estão à solta,  
Vão fazendo estripulias,  
Agitando os nossos dias,  
Preferindo os canaviais.  
Há de ser o biodiesel,  
O álcool que vem da cana  
E o ET, muito sacana,  
Quer presença nos jornais.

Não se sabe se é mentira,  
Essa coisa misteriosa.

Uns afirmam que é prosa,  
Mas fica a interrogação.  
E se for mesmo verdade,  
Se é ser de outro planeta,  
Será gente ou é capeta,  
Ou pura imaginação?

Mas não é inteligente  
E qual é o objetivo?  
Não parece ser tão vivo,  
Nem sabe bem o que quer.  
Escolher, justo, esta terra  
De seqüestro e de chacina,  
Da dengue que não termina,  
Será homem ou mulher?

Pois, estás muito enganado,  
Meu patrício planetário,  
Aqui o nosso salário,  
Talvez, não dê para o pão.  
Tu vais é morrer de fome  
Ou de uma bala perdida,  
Salva logo a tua vida,  
Te manda para a amplidão.

## **POEMA-ORAÇÃO**

*(A Virgem das lágrimas de mel)*

Senhora, Virgem Celeste,  
Mãe de Deus, da humanidade,  
Em vossa infinita bondade

Sobre o terreno ouropel,  
Derramai, com abundância,  
Para toda criatura,  
Essa materna doçura  
Vossas lágrimas de mel.

Sempre fostes Medianeira  
Das bênçãos do Pai Eterno,  
O vosso auxílio materno  
Para nós, nunca faltou.  
Atenta aos nossos problemas,  
Mãe de Fátima, querida,  
Trouxeste amor e vida  
Aos filhos que Deus criou.

Nossa Senhora de Fátima,  
O mundo segue caminhos  
E esquece, nos descaminhos,  
O seu destino final.  
Vós socorreis os que erram,  
Com terna solicitude,  
Dai-nos paz, fé e saúde,  
Com vosso mel maternal.

Pedis sempre, Virgem Santa,  
Que o santo terço rezamos,  
Por isso nós prometemos  
Que haveremos de rezar...  
Cumprindo o vosso pedido,  
Esperamos, com confiança,  
Com muita fé e esperança  
Que haveis de nos salvar.

Nosso perpétuo socorro,  
Nossa Senhora ternura,  
A humana criatura,  
Hoje, amarga e com temor,  
Devido a tanta violência,  
Que fere e que traz a morte,  
Adoçai-a com mão forte,  
Com o vosso mel de amor.

Sois a Santa Imaculada,  
Sem pecado concebida  
Que, pó Deus foi escolhida  
Para a Mãe do Redentor.  
A vossos pés nos prostramos,  
Humildes e reverentes,  
Curai, também nossos doentes,  
Com mel, remédio de amor.

Vossas lágrimas, Senhora,  
São de mel e são doçura  
E são a essência mais pura  
Do vosso amor maternal.  
Escutai a nossa prece,  
Adoçai as novas vidas,  
Muitas vezes, tão sofridas,  
Livrai-nos de todo mal.

## O CANTO DA FLORESTA

Eu me chamo Mata Atlântica  
E eu me chamo Amazônia,  
Agora eu vivo uma insônia  
De tanta preocupação.  
Não sei quanto tempo eu tenho,  
A vida, que dantes tinha,  
Vai-se tornando mesquinha,  
Devido à devastação.

Mas eu já fui majestosa,  
Já tive os verdes variados,  
Nos meus galhos enfolhados,  
Quanta ave e quanta flor!  
Orquídeas maravilhosas  
E mil frutos recendentes.  
Os homens, porém, inconscientes,  
Me devastam com furor.

O meu rufar era um canto,  
As minhas sombras, saudade,  
Fui dona da imensidade,  
Aqui, ali, lá e além...  
Hoje, virei uma viúva,  
Onde as minhas castanheiras?  
Onde estão as seringueiras?  
Foram embora também.

Como é triste a mata triste,  
Violentada e silenciosa,  
Fico, às vezes, lacrimosa,

Serenando ao amanhecer!  
Onde estão meus sons sonoros,  
Os pássaros cantadores,  
Os ninhos dos beija-flores  
Que enfeitaram meu viver?

Só se ouvem moto-serras  
Rugindo dantesicamente,  
Num concerto contundente  
De agonia vegetal.  
Os gigantes da floresta,  
Um após outro caindo,  
As matas vão-se extinguindo,  
Pois, árvore é mortal.

Mata Atlântica é meu nome,  
Amazônia eu me chamo,  
Eu cantava, hoje, reclamo,  
Sou um pulmão vegetal.  
Por favor, não me destruam.  
Meus salmos são de tristeza,  
Sou canção da Natureza,  
Maior floresta mundial.



# GUIMARÃES ROCHA

*Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da Polícia Militar/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Recentemente lançou as obras Moral da Idade Média no Terceiro Milênio e Coronel Adib - A História. Autor do CD "Encanto". Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.*



## AS NOVAS CORES DA ESCRAVIDÃO

### 1. A mentalidade

Hoje despertei no coração da América  
Ouvindo por toda parte fortes rumores  
De que nesta imensa superfície esférica  
Nossa escravidão renovava suas dores

Eram novas flores nuas redescobertas  
Agora o sangue já não jorra de chicote  
Nas costas de trabalhadores bocabertas  
E dessas mentes nenhuma reação brote

Primeiro o duro golpe da pedra lascada  
Desenvolvendo as cores da dominação  
E depois a conquista cega desenfreada  
Continuou na força bruta ferro e grillhão

Ainda nos pesadelos de metal e plástico

Repentinamente novos jogos escravistas  
Empolgam os donos do universo prático  
Temos de alimentar a elite de fetichistas

Os poderosos de hoje vivem da exclusão  
Escravizando as vontades dos que ficam  
A sobreviver sob sua angustiante pressão  
Nessa escola os mais fracos se burrificam

A escravocracia se faz invencível quase  
Porque tem as suas raízes na ignorância  
Não há ainda inventada nenhuma catarse  
Capaz de vencer essa humana arrogância

## 2. O negro

De Castro Alves Bandido negro sangra  
Aguçando foice de uma negra vingança  
A desonra na alma aberta se fez angra  
Anunciando muitas dores por esperança

A escravidão foi um teste mal passado  
Em que não passou a nossa civilização  
Um tirano por si mesmo será malfadado  
Na lei de retorno que corrige o malsão

O índio assediado se vingara de antes  
Apresentando aos tolos o fumo viciador  
E o negro mesmo sujeito aos guantes  
Era presente na genética do seu senhor

Ironia! O negro é a origem do homem!

Como o índio feito o senhor da Terra  
Nosso igual nas paixões que consomem  
Também no tempo patrocinou a guerra

Tratar mal à mãe África e seus meninos  
Falsa piedade por suposta inferioridade  
É estratégia dos exploradores sibilinos  
De missionários a falsificada identidade

Fome é arma nas mãos do conquistador  
Para ele miséria é um atributo de raça  
O drama da África é político devastador  
Mate a dignidade e conheça a desgraça

### 3. O QI da pele

Ao criarem Quociente de Inteligência  
Racistas se consagraram entre os tolos  
Nem pelo intelecto nem pela aparência  
A realidade mora além desses enrolos

Inteligência não se resume em lógica  
E a cor da pele devemos ao ambiente  
Superioridade racial é cretina retórica  
A resultar numa decepção deprimente

Resta apenas interesse de dominação  
Nas discussões sobre as cores da pele  
Do superficialismo surge abominação  
Racismo como uma mental varicocele

## 4. Ancestral preconceito

O filho amaldiçoado do Noé bíblico  
Aparece negro na ilustração dos livros  
Cam enoja o público religioso pudico  
Caçoou do pai e se perdeu nos crivos

Raça negra foi amaldiçoada por Deus  
Ensinaram muitos padres mundo afora  
A tática era cada um proteger os seus  
Da diferença que não une mas apavora

## 5. Ingenuidades perigosas

Enquanto o mundo do trabalho oprime:

— Ensaboa, mulata, ensaboa...

Ainda ecoam das não tão antigas  
Brincadeiras de roda:

— Plantei uma cebolinha no meu quintal  
Nasceu uma negrinha de avental  
— Dança, negrinha! — Não sei dançar  
Pega um chicote que dança já!

Atirei o pau no gato...to  
Mas o gato... to  
Não morreu... reu... reu...  
Dona Chica... ca  
Dimirou-se... se

Do berrô... do berrô que o gato deu  
...Miaau!

...Num ambiente refinado  
Certo intelectual negro foi apresentado  
Pelo anfitrião:

“— Este é um preto de alma branca!”

Com voz firme e serena  
O afro-descendente retrucou:  
“— Não, senhor! Se a alma tem cor  
E branco tem alma branca por ser branco  
Então por eu ser negro a minha alma é negra!”

...E por mais o interlocutor tentasse  
Contornar a horrível situação  
A voz do negro ribombava pelo salão:

— A minha alma é negra! Eu tenho a alma negra!...

## LIBERTÁRIO TIRADENTES

Esqueceu de pedir licença para respirar  
O nosso verde amarelo braço azul anil  
Chegou ao mundo para ferir incomodar  
Interesses leoninos opressores do Brasil

Ocupava um importante posto mediano  
Desdenhava o comodismo de oficialato  
Coragem acima de um simples humano  
Brotava nesta Terra o patriotismo inato

Aprende a interpretar gritos doloridos  
Então sufocados nas gargantas das ruas  
Martelos dominadores sempre erguidos

Era século dezoito e colônia portuguesa  
Anseios de liberdade nos nossos gerais  
O Tiradentes atrevido sem língua presa  
Da maçonaria fazendo intrigantes sinais

Um olhar enviesado desafiando a morte  
Inquietante atacando maus exploradores  
Soberania é a pronunciada palavra forte  
Resistindo até o sangue sobre traidores

Joaquim José arrancando dentes podres  
Dos Silvérios dos Reis cravados no país  
Sanguessugas sobrepostos nas jugulares  
Devemos anestésiar as traições pela raiz

Esse mártir nada aprendeu sobre o medo  
Nosso inconfidente zombou do carrasco  
Retalhado como por dentro foi Tancredo  
Para toda a injustiça o sentimento asco

Seus pedaços ponteando livros escolares  
Não passam de inútil espetáculo chocante  
Se a cruz e a força dos heróis seculares  
Não forem luz e viva voz para estudante

## SONHO

Sonho com um amor de madrugada  
Que me beije, me afaga e que me quer  
e seja em tudo autêntica mulher  
um misto de menina, de anjo e fada!

Dentro da noite amena que se agita  
Se enfeitar e se embeleza de luar  
Ensina-me com ternura o verbo amar  
Um êxtase sutil, ânsia infinita...

Poderia ser, do Nilo, a flor morena,  
Chinesa delicada de marfim,  
Ou Vênus, grega, vindo das espumas.

Seria, dos meus sonhos, e açucena  
Trazida, do destino, para mim  
A envolver-me num dossel de plumas...

## IDEAL MULHER

O meu ser encontra e reencontra  
As harmonias do divino universo  
Ao sentir a sua essência mulher

No meu caminho brilha sua luz

Quanta alegria nós partilhamos  
Abrimos portas e janelas fecharam

Mas encaminhamos soluções mil  
Porque somos juntos força ideal  
Dia e noite completude do amor

Noites felizes pelo dom da criação  
E a bênção dos filhos a todo dia  
De novo colorindo nossas vidas

Creio na sua força feminina que  
Ao seu lado me faz novo homem  
É preciso sonhar e tenho sonhos  
Mas quando arrisco em devaneios  
Seu jeito firme reconduz ao real

Feliz no seu colo com seus beijos  
Não há como nem por que fugir  
Pelo amor superamos diferenças  
Compreendo melhor a mulher amada

No seu enlace a vida tem realce  
Fica em mim bem mais interessante

Com você quero comemorar seu dia  
Carinho ternura paz e compreensão

Serei permanente na noite do seu dia  
Atuante e certo meu amor se revelará  
Resplandecendo o brilho do seu olhar

Meu amor que me envolve e pacifica  
Que me traz um céu e me faz feliz

Parabéns!

## SUBLIME DESPERTAR

Acordar para quem ama  
É renascer no sonho lindo  
De uma sublime realidade  
O brilho indescritível no olhar  
penetra em mim como uma faca  
a cortar-me o peito  
aquecendo-me o corpo  
como uma lareira nos dias de inverno  
Sonho que faz renascer  
a chama de um grande amor.

O momento sublime é acordar  
e ver a beleza em forma de mulher

Saborear um beijo é bom  
nos lábios carnudos  
Eriçar a pele com certeza  
É bem melhor dormir  
Dormir só para  
Acordar em teus braços

## TRÊS LAGOAS

Mais era pó  
Naquele lugarejo  
Mocinhas morenas  
Simples  
De alma ingênua e sã  
Sorriam da janela

Aos forasteiros que trariam  
Novos impulsos ao lugar

De riqueza em riqueza  
Obrigatório é relacionar  
Três Lagoas quando se fala  
Do bom e do progressista  
Em Mato Grosso do Sul  
Cresce Município  
Mas ainda ressoa  
No pó do tempo  
Que tenho presente  
Nas ruas da memória  
O ronco nostálgico  
Do motor primata  
Dum carro velho  
Levando-me pela vez primeira  
Na década de setenta  
À rua larga  
De cor vermelha  
Que me fazia entrar  
Em Três Lagoas



## LUCILENE MACHADO

*Nasceu em Terra Rica (PR). Professora universitária. Publicou: Plântula, O Gato Pernóstico, Coisas de Mulher e Fio de Saliva. Ocupa a cadeira nº 36 da Academia.*



### ANOITECER

Anoiteceu de novo.

O dia grafou seus últimos traços  
no espaço do meu pensamento,  
e eu queria tanto...

Tropecei na orla do dia,  
caí cega entre as traves da noite,  
nem vi o sol com seus raios multicores  
acenar aos viajores, em rotina triunfal.  
Forjei sonhos transitórios, pra esquecer...  
...que queria tanto...

Da noite desprenderam-se pétalas amareladas,  
dos lábios, promessas pálidas brotaram,  
oscilaram, sucumbiram  
ante às verdades noturnas, dormiram.  
E eu queria tanto!

(perdi na noite o encanto de querer).

Anoiteceu de novo.

O dia grafou seus últimos traços  
no espaço do meu pensamento,  
e eu queria tanto...

Tropecei na orla do dia,  
caí cega entre as traves da noite,  
nem vi o sol com seus raios multicores  
acenar aos viajores, em rotina triunfal.  
Forjei sonhos transitórios, pra esquecer...  
...que queria tanto...  
Da noite desprenderam-se pétalas amareladas,  
dos lábios, promessas pálidas brotaram,  
oscilaram, sucumbiram  
ante às verdades noturnas, dormiram.  
E eu queria tanto!  
(perdi na noite o encanto de querer).

## DESCOBERTA

Pensei ser poeta  
ao tentar definir  
o que supunha saber.  
Desenhei  
com palavras coloridas  
a metafísica da vida  
que presumi conhecer.  
Principiei pelas asas da alvorada,  
discorri pelo romper da madrugada,  
logo percebi:  
eu não sabia de nada!  
A natureza me calou no revoar da passarada,  
poetisa, declamou versos  
de todos os poetas  
que ela preserva  
no santuário universal.

## A SEMENTE E O SONHO

Meu pensamento é semente  
brotando em terra fértil  
reflorescendo a mente  
com espécies milenares  
reproduzindo savanas, palmares  
concebendo primaveras em todos os meus cios.  
Meu sonho é um vegetal  
desafiando a origem  
das árvores contemporâneas,  
transformando minha tez  
em pêras, maçãs vermelhas,  
verdejando minha espera  
no sementear da terra  
que será jardim, amanhã.

## TERRA DE NINGUÉM

Eu sou da terra  
terra de índios  
de nobres, de árvores...  
árvore Brasil.  
A terra é tudo que me cabe.  
Caberia a mim possuí-la?  
Certezas que não me cabem.  
Quem é mesmo o dono desta terra?  
Terra que cabe num globo  
globo ocular do desejo,  
concupiscência dos olhos

insônia do mundo  
cegueira da humanidade.  
Eu que nasci da terra  
sangrando pelos vulcões,  
inquirio:  
A quem pertence esta terra?  
Quinhentos anos de indagações,  
mil e uma noites de ilusão.  
Em que século esconderemos  
a vergonha da fome?  
Semente e sonhos  
definhando nos celeiros,  
plântulas  
implodindo nos canteiros  
da árida desigualdade.  
Ah, quem me dera ver brotar  
no solo da ignorância  
flores de um novo tempo  
protoplásmica substância  
reproduzindo a vida  
em toda sorte de espécie.

## **HAVERES**

Trago no pensamento  
Inúmeras possibilidades.  
Trago os círculos  
Da pedra lançada n'água,  
Trago a lua, a terra  
E todos os elos  
Numa corrente de poesia.

O sangue aflige meu corpo,  
Oceano em fúria!  
Quebra a redoma...  
Uma idéia concebida voa,  
Habita os lábios da sociedade,  
Uma poesia morre  
Afogada no caos da realidade.  
Sou poesia em estado bruto.  
Tenho as formas grosseiras  
Da pedra que não foi lapidada.  
Tenho cavidades profundas,  
Marcas uterinas  
Sangue enegrecido  
...preste a entrar em erupção!  
Sou poema indecifrável,  
Sem códigos de leitura.  
Sou embrião de palavras  
Preste a romper num sagrado manto.  
É o sangue poético que me gerou.

## **SEMELHANÇA**

Cresci naturalmente  
como crescem as rosas.  
Na estação própria, floresci  
como florescem as rosas,  
distribui pétalas  
exalei aromas  
como costumam as rosas.  
Reproduzi...  
Enxertei-me em galhos ignorados

Concedi a outros  
várias partes de mim,  
multipliquei-me em espécies,  
fui filha, irmã, mãe...  
Fui fêmea, como todas as rosas,  
singela no destino e na sorte,  
fui simples e abstrata  
fui poeta  
num rosal verde e purpúreo  
e descrevi as rosas  
que antes de mim já eram  
naturalmente POESIA.

## DESTINO

Ouvi as horas da noite  
marchando  
em solenes tic-tac,  
vi os instantes esvaindo-se  
sob o céu azul de estrelas,  
nada fiz,  
nada tinha a fazer.  
Padei triste sensação  
soturna,  
destino decadente  
urgindo na destreza  
dos segundos.  
Deixo cair uma lágrima  
de saudade,  
uma noite a menos  
na memória da eternidade.

## ELUCIDAÇÃO

Sou a alma das árvores  
toada na voz do vento  
monólogo  
numa estrada vazia,  
sou a eternidade  
percorrendo o tempo  
que os olhos aliciam.  
Sou folha seca  
rolando ao rés-do-chão,  
sou palavra nua  
linguagem sem sentidos  
sou zumbido  
emprestando o nome  
ao silêncio desconhecido.  
Sou oceano  
várzea, pantanal  
alagando a terra  
inundando os prados  
afogando as mágoas  
que povoam as entranhas  
da autodefinição.

## RESTITUIÇÃO

Restituo-me  
a criança que já foi minha,  
acompanhada de um tempo farto  
que não se deixa engolir pelas horas,

mas, vence-as  
com argumentos traquinos,  
controvérsias travessas,  
evasivas infantis.

Restituo-me  
olhares curiosos, chamejantes  
a desvendar inventos teóricos  
com práticas pueris,  
sentar ao peitoril de uma janela  
a saudar com o pensamento  
a magnitude do infinito  
que hoje não mais reconheço.

## IRRETRATÁVEL SILÊNCIO

O silêncio me chama  
com uma voz sinuosa  
anos luz de distância me alcançam  
percorrendo a memória de solidão.

Corro  
com braços abertos  
pelo espaço sideral  
pelo infinito embaçado  
pelas eras infindáveis  
pelo tempo insolente  
e não o encontro.

Corro  
deslizo pelas horas  
adivinhandos os gestos  
as mímicas  
o alfabeto mudo

e interpretando o silêncio  
que não encontro  
em nenhum lugar.

## DEFINIÇÃO DO SEGUNDO

O segundo visto por fora  
É um ponto mínimo  
No percurso da hora,  
Frio e imperceptível  
No contexto da história.  
Por dentro, denso e concreto,  
Síntese da eternidade  
Movendo os ponteiros do tempo.  
Quanto tempo  
Sobrevive o segundo?  
Qual a medida  
Do seu conteúdo?  
Se o amor eterniza tudo,  
Uma eternidade perpetua –  
Na extensão de um segundo.

## COM LICENÇA - A VIDA

A vida vem, pedindo passagem  
semente pedindo terra pra germinar,  
fonte de água selada  
rompendo-se aqui e acolá  
buscando um trilho pra escoar.

O dia pedindo espaço  
a noite implorando tempo  
a terra querendo chuva  
as nuvens invocando o vento.

A vida vem, pedindo abrigo  
embrionando-se nas entranhas.  
Veias latentes sangrando  
Pantanal, sangue, oceano.  
E eu que já fui deserto  
planície de sequidão  
renovo-me em mil espécies  
destino, fogo, paixão.

A atmosfera me habita  
o universo me invade  
céu, planetas, infinito  
vestígios da eternidade.  
É a vida, sem fim nem começo,  
a vida pedindo passagem



## JOSÉ PEDRO FRAZÃO

*Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: Nas Águas do Aquidauana eu andei (romance ecológico) e Tuiuiu My Brother. Ocupa a cadeira nº 29 da Academia, da qual é o atual vice-presidente.*



### A MORTE DO POEMA

Fecundava na alma um poema  
Adorável, sutil, de amor talvez,  
Com versos e rimas tão supremas,  
Eloqüentes, de altíssima solidez.

Enfim, deu-se à luz fruto querido,  
Como obra de divina perfeição,  
Em estrofes de ouro concebido  
E acolhido no berço-coração.

Foi noite de êxtase e alegria,  
Paparicos, reis magos e presentes,  
Músicas, musas, fantasias...  
E lampejos de estrelas cadentes.

Mas, como a luz do sol-poente,  
Que se apaga na abóbada vespéral,  
Entristeceu o poema de repente  
Inda no cálido afago maternal.

Seu rosto de risos ficou triste,  
Seu corpo de febre se ardia,  
Meu poema – meu filho – não resiste:  
Meu rosto em seus olhos se esvaía.

Ao lado do seu leito entristecido,  
Meu pranto assoalhou dor paternal,  
Ao ver sucumbir o ente querido  
Na alcova da inércia madrigal.

Meu raquítico poema, fraco, ao léu,  
Nascituro, esquelético, despido,  
Agonizara no canto do papel  
Até o último sopro estremecido.

Minhas mãos se abraçaram em prantos  
Meus olhos, afundados, transbordaram;  
Tentei reanimar seus versos brancos,  
Mas as musas da palavra não deixaram.

Euterpe me abandonou naquele instante  
Em que parte de mim partiu pra sempre,  
Jazido sobre a mesa, hirto, infante,  
Entre lágrimas de velas refulgentes.

E do cadáver na lápide do escritório  
Despedi-me indagando a Melpomene:  
Por que naquele sinistro velório  
A poesia abandonara o meu poema?

## INGRATIDÃO

Andando calmo pela rua incauta,  
Achei um incauto verso pelo chão;  
Não tinha dono, pai, amigo, irmão,  
Era só um pobre verso ali sem pauta.

Compadecido, enchi o verso triste...  
De carinho, amor, sentido e oração;  
Limpei as palavras do seu coração  
E dei-lhe o melhor verbo que existe.

Depois de tudo, o verso deprimido,  
Que alimentei de rima, amor e emoção,  
Virou-se contra mim e, sem explicação,  
Fugiu, deixando-me só, ali, perdido.

## PÉ NA COVA

O morto não morre de medo de morrer,  
Nem quem dorme pode sentir medo da morte;  
A vida e a morte embelezam o entardecer  
Quando o sol morre e a lua nasce forte.

Pra que temer, se a morte é destino certo!?  
Às vezes um bem ou um susto passageiro;  
Se a luta é cansativa, ela está por perto,  
Porque a morte é o descanso do guerreiro.

Há quem morre e ainda vive eternamente,  
Ainda há quem vive morto toda a vida;

Depende de um bem-viver inteligente,  
Ou de uma estúpida vida mal vivida...

Para provar que a morte é boa companheira,  
Que não faz mal a quem com ela vai com sorte,  
O dia e a noite nos ensinam, a vida inteira,  
Que o sono é ensaio diário para a morte.

Ironicamente, perder sono é perder vida...  
Quem mal dorme luta mal e morre cedo;  
Viver contente torna a morte mais dormida,  
Para que o sono eterno acorde o seu segredo.

## **PODA DA VIDA**

Os moradores daquelas ruas verdejantes  
Retornavam para os filhos esfomeados,  
Quando bombardeios mortais descontrolados  
Destruíam as casas e seus ocupantes.

A violência dos ataques e da ganância,  
Não poupa a vida de pequenos inocentes,  
Vai massacrando, destruindo impunemente...  
Sob a égide da ambição e da ignorância.

Como um forte tsunami devastando  
Indefesos e inofensivos - coitadinhos!  
Os homens e suas máquinas vão matando...

Mas não é guerra, pois as vítimas não reagem,  
Apenas quedam dos seus ninhos os passarinhos  
Ante a insana poda de árvores e folhagens.

## A CRÔNICA E O CONTO

Alô, alô, amigo Conto,  
Aqui quem fala é a Crônica.  
Quero discutir um ponto  
De forma culta e harmônica:  
Quem é o melhor da prosa?  
Quem maior prestígio goza?  
Quem é cravo, quem é rosa?  
Quem é melhor que a Crônica?

- Dona Crônica, não se iluda  
Com essa tal realidade.  
A sua vida pouco muda  
Nas pessoas a verdade.  
Você fala do que existe,  
Relata, opina, persiste;  
Tem um cheiro de pastiche  
E alimenta a vaidade.

- Mas vejam que desaforo  
Deste Conto desalmado!  
Não aprendeu que a Crônica  
Revigora o passado,  
Relatando o presente,  
O que acontece com a gente,  
De um modo inteligente,  
Sedutor e apaixonado...

- Fique sabendo que o Conto  
A todos faz muito bem:  
Cria histórias, fantasias,  
Leva o leitor ao além...

É amigo da magia,  
Da quimera, da utopia,  
E ainda dá alegria  
Àqueles que não a têm.

- A Crônica é mais importante,  
Porque retrata as pessoas,  
Coisas, fatos deslumbrantes;  
Não escreve nada à-toa.  
Quão belos são os cronistas,  
Das letras, grandes artistas;  
Diferentes dos contistas,  
Preferem as coisas boas.

- Eu prefiro minhas histórias,  
Em que posso viajar;  
Você cuida das memórias,  
Eu me ponho a inventar;  
Não me venha com pretexto,  
Sei que sou o melhor texto,  
O único que no contexto  
Leva todos a sonhar.

- Sábio Conto, meu amigo,  
Não perca sua compostura.  
Eu defendo o meu artigo  
Como redação segura.  
Venha escrever comigo  
Nas letras do mesmo abrigo  
E assim tirar do perigo  
A nossa literatura.

- Até que enfim, compreendeu  
Que o Conto tem valor;

Quem sabe já se embebeu  
Desse gênero-licor...  
Por isso a Crônica é bela;  
Da arte, pura donzela,  
E o Conto se rende a ela  
Com respeito e com amor.

- Obrigada, cavalheiro,  
Chegamos à conclusão  
Que nós somos companheiros  
De texto e inspiração.  
O Conto é quase um romance,  
Respeitando as nuances,  
Num jogo de mesmo lance  
De palavra e sedução.

- Encerramos a peleja  
Como amigos de verdade,  
Enaltecendo a beleza  
Da ficção à realidade,  
Usando aqui a alegria,  
O poema e a poesia  
E toda a polifonia  
Desses versos sem maldade.

## PANTANEIRO

Bem cedo descobri que meu sangue é todo verde,  
É todo lodo, é todo pântano...  
E que o deus Pã me deu um coração de mato  
Para proteger o tuiuiú.

Por isso vivo entre o céu e a peúva,  
Entre o rio e a chuva.  
E se eu choro pela arara azul, pelo tucano...  
É com pena dos ninhos destruídos  
E da floresta que se encolhe a cada ano.  
Este é o meu canto em cada canto  
Onde canta a seriema...  
E o que seria de mim se não fosse a ema  
E se não sonhasse a garça no ninhal?  
Sei mesmo que sou um Pã pernalta,  
Sem flauta, de letras vãs,  
Mas que morrerei jacaré, numa estrada qualquer,  
Sem casaco e sem sapatos de pele,  
Com a fauna e a flora esquecendo de mim.

## MALBENDITOS TUCANOS

Nas barrancas do Aquidauana  
Onde teci minha casa  
Donde avisto a chalana  
Que o sol colore de brasa...  
Deleito-me com o recital  
Do sanhaço, do pardal  
E do sabiá magistral  
No revoar de mil asas.

Feliz, vou tecendo amores  
No coração pantaneiro,  
Deixando que os beija-flores  
Flutuem em meu travesseiro...  
E acordo sempre com a orquestra

Dos pássaros da floresta  
Que em meu quintal fazem festa  
Com trinados madrigueiros.

Mas num dia inusitado,  
Estridularam os passarinhos,  
Revoando apavorados,  
Querendo salvar seus ninhos  
De um bando de invasores  
Pretos, belos, assustadores,  
Que a todos causaram dores,  
Comendo-lhes os filhotinhos.

Era um bando de tucanos  
De plumagem sem igual,  
Longos bicos soberanos  
Nas árvores do meu quintal.  
Daí eu tive a certeza  
Que a vida, a morte e a beleza  
São penas da natureza  
E segredos do Pantanal.

## **ORAÇÃO DO TUIUIÚ**

Ave, Tuiuiú cheio de graça!  
Bonito és tu perante os animais  
Viventes destes quentes pantanais,  
E divino é o céu quando tu passas.

Santificadas sejam tuas asas,  
Voa por nós mortais e sonhadores,

Poetas, artistas, livres trovadores  
Do Éden Pantaneiro, que é a tua casa.

Eleva ao Grande-Deus os nossos versos,  
No teu voar manso, calmo e divinal,  
Por todas as trilhas do universo...

E dize ao Nosso Pai, em oração,  
Que as aves deste Sacro Pantanal  
São os seus Anjos de Arribação.



# GERALDO RAMON PEREIRA



*Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicou-se também à música regional. Autor de Poemas Íntimos, Estrelas de Sangue, Carçoço de Manga, Álbum de Sonetos, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.*

## TRIBUTO A MARACAJU (*Amor a minha terra*)

Bem onde Deus plantara verdes matas,  
No cimo de um planalto fértil, lindo,  
Maracaju, marota, foi surgindo  
Entre sítios, aos sons de serenatas:

Eram seriemas a cantar tinindo  
Em dueto com as enxadas mais sensatas...  
E um grupo de pioneiros pôs em atas  
A fundação de um Município infindo!

Maracaju estava, pois, fundada,  
Em educação, saúde e amor plasmada,  
Por João Pedro Fernandes, doutor João...

Todos deram de si à sociedade;  
Mas doutor João deu luz e caridade  
E a Maracaju – vida e coração!

## **POLICROMIA DE UM MESTRE**

*(Para o Prof. J. Barbosa Rodrigues)*

Atrás das lentes grossas, circunspecto,  
Ares dinâmicos e racionais,  
Um imenso coração, sublime afeto,  
Um sensível poeta em seus haicais!...

Era assim J. Barbosa — homem reto,  
Quer na luta, no amor, nos ideais;  
Da terra e gente historiador dileto,  
Para a Cultura e Arte, sem iguais!

Leva, mestre Barbosa, aonde fores,  
A nossa gratidão, nossos amores,  
Que aqui sufocaremos a saudade...

Deus te chamou. Pois vai — é a nossa sina! —  
Revê os teus. E, com tua Henedina,  
Felizes Bodas de uma Eternidade!

## **CONSCIENTIZAÇÃO**

*(Quando ela partiu de avião...)*

Mal o enorme condor rasgou o espaço  
E aplanou nos mistérios do infinito,  
Senti toda a impotência do meu braço  
Quando em vão abracei-te em mudo grito!

De repente, a existência era um bagaço,  
Ante mim mesmo tudo fez-se um mito...  
Era a saudade entrando em meu regaço,  
Tu, a deixar-me triste e tão solito!

Mas eis que teu semblante sacrossanto,  
Numa visão do mais real encanto,  
Se acende e me ilumina o desalento...

Era, por certo, Deus compadecido,  
Que em tua bela imagem esculpido,  
Viera alentar-me em tanto sofrimento!

## HERANÇA BENDITA

Neste mundo tão fútil, tão perverso,  
(Quando se apega à gana da matéria)  
Muitos riem por ver-me fazer verso  
Ou pulsar na viola a minha artéria.

Dizem que teço meu futuro inverso,  
Que amor e sonho rendem só miséria.  
E eu lhes respondo – Pois neste universo  
É que enriqueço e lego herança etérea;

Um legado de música e poesia  
Que endossa a milenar filosofia  
De que “recebe bens quem dá esmola”...

Pois são meus cantos dádivas de alento  
Que vou doando a irmãos em sofrimento  
Cuja dor só com versos se consola!

## ANALOGIA

De capim em capim, um passarinho  
Foi tecendo o seu ninho entre risada...  
Também, de sonho em sonho e com carinho,  
Construí, com amor, nossa morada.

Pôs a ave, ovo a ovo, no seu ninho,  
A vida pelo instinto eternizada...  
Fé e esperança em nosso lar alinhado,  
Na bíblica missão por Deus traçada!

Mas, de repente, um tiro inconsciente  
Calou a avezinha tão contente,  
Qual tu meu canto de felicidade...

E agora, ao invés de arrulhos de prazer,  
Lá no ninho há filhotes a gemer  
E em meu leito só uivos de saudade!

## ESQUINA DA VIDA

Ceguei meus olhos aos teus olhos plenos  
Do amor mais eterno e comovente...  
Aquele amor que só a jovem sente,  
Sem traição, com pureza e sem venenos!

Desprezei teu amor adolescente  
Por dois olhos adultos, e somenos  
Importância leguei-te, pelo menos  
Por respeito ao amor puro e inocente!

Porém, sempre o destino prega a sua.  
Cada um de nós seguiu por uma rua  
Paralela; e eis que nos aponta a sina

Teu amor tão perene em sentimento:  
São hoje nossas vidas cruzamento  
Da mais florida praça de uma esquina!

## MILAGRES DA CRIAÇÃO

... E criou Deus os campos do infinito  
Pra que estrelas pastassem cintilantes...  
Criar mares selvagens foi bonito  
Pra que luares banhassem ondulantes!

Em cada criatura pôs um mito,  
O homem e a natureza fez amantes...  
E no amor pôs sussurro e pôs o grito,  
Entre cascalhos fez gerar diamantes!

E para que entre os homens pecadores,  
Por livre arbítrio, alguns os seus horrores  
Deixassem lá nas trevas, vindo à luz,

Deus, num gesto supremo, em doce frêmito,  
Fez nascer no Natal seu unigênito,  
O santo Salvador – nosso Jesus!

## MEU TARUMAZEIRO

O pé de tarumã ficava ali  
Onde fazia o ribeirão a curva...  
Oh! leda infância, lembro-me de ti  
Refletida na água mansa e turva!

Hoje a saudade a minha alma encurva  
Sob o tarumazeiro, onde cresci,  
Pra ver de novo as flores, vindo em chuva,  
Beijar as águas, como tanto vi!

Mas, genuflexo, olhando para as águas,  
Vejo só pranto a despencar-se em mágoas,  
Em vez das flores que não vejo mais...

No lugar das florinhas lá da infância,  
São minhas lágrimas – desesperança –  
Que vão rodando neste rio de ais!

## ANSIEDADE

De repente, no túnel da saudade,  
Em chama e brasa de volúpia louca,  
Eis a queimar-me indômita vontade  
De novamente te beijar a boca.

Teus rubros lábios-mel meu ser invade,  
Na utópica ilusão da vida oca...  
A noite, amortalhada de ansiedade,  
Neva o pranto de estrelas em voz rouca.

Já te foste, faz uma eternidade,  
Mas, num milagre santo da saudade,  
Sinto teus lábios em sublime açoite...

Porém, ao invés de ater-te ao coração,  
Meus braços só abraçam solidão  
E apenas beijo a boca de acre noite!

## **CAMPO GRANDE** **- Cidade que eu Amo -**

Bíblico é o vulgo: foi de terra pura  
Que o bom Criador, em gesto quase insano,  
Modelou, em carinho/amor/doçura,  
Seu engenho cabal – que é o ser humano.

De alhures terra, em análoga ventura,  
– Imitando do Pai o santo plano –  
Um filho-herói fez maxi criatura  
Ao fundar Campo Grande – de amor lhano!

Deu-lhe o sopro da vida o Zé Antônio,  
Que aqui pôs em labor o seu monjolo,  
Qual símbolo perpétuo do seu sonho:

A bica d'água é o suor desta gente  
Que aciona, no progresso deste solo,  
Um monjolo a cantar eternamente!

## AO TEU OLHAR

Como é lindo o raiar do sol brilhante  
Em mil sóis ateando os roseirais...  
Nossos olhos brilhando igual diamante  
Ao reflexo das luzes matinais!

Nossas almas ao brilho estonteante  
Das alvas emoções transiderais...  
E as estrelas, brilhando lá distante,  
São dos céus holofotes divinais!

Mas quis o Criador da Natureza  
Reunir em um só ser toda a beleza  
Dos fantásticos brilhos dos demais;

E pôs, querida, em gesto alvissareiro,  
Todas as luzes do Universo inteiro  
No brilho dos teus olhos sem iguais!

## BONECA DE SABUGO

Lúdico namorico lá do mato...  
De sabugo de milho eu fiz pra ela,  
Com roupinha de trapo em cor-canela,  
Linda boneca que valeu um trato:

Seria a filha nossa – minha e dela! –  
Que a gente, um dia, iria ter de fato...  
E, num beijo de amor, selou-se o pacto  
Entre o menino-poeta e a musa bela!

E ela partiu, me dando a bonequinha  
Qual jura que ia ser somente minha,  
Mãe da real filhinha, o nosso jugo...

Mas eis, no reencontro, a dor que passo:  
Ela, de outrem, trazia a filha ao braço,  
No meu braço, a filhinha de sabugo!...

## VARAL DE LUZ

No quintal da existência do meu nada,  
Estendi, num varal de luz, os sonhos...  
E do Amor uma aura perfumada  
Inundou o meu ser com sóis risonhos.

Mas a manhã de sonhos foi tomada  
Por vendavais e temporais medonhos;  
E a vida, de astros e aves enfeitada,  
Virou um ermo de areais tristonhos!

Caí ao chão voltado para o alto,  
Ouvi tenor, soprano, ouvi contralto,  
E uma voz a mais santa entre as demais...

Era Deus, que em coral se manifesta  
Em compaixão ao filho a quem só resta  
A voz divina a consolar seus ais!

## CAMPO GRANDE DE AGORA

Procurei trescalar do ansioso peito  
O saudosismo que em minh'alma aflora,  
Para dar chance a outro tema eleito  
Que é, Campo Grande, te cantar no agora.

Falar-te carinhoso – esse é o meu jeito –  
Do quanto o meu ser te ama, quer e adora...  
Que cada rua tua é róseo leito,  
Que me esperta ao labor a qualquer hora!

São teus prédios mãos postas a um bendito  
Céu de araras azuis com garças claras...  
Teu luar tem o encanto de algum mito!

Nem se sabe o que em ti é mais bonito:  
Se as manhãs – que em sorrisos escancararas;  
Se as tardinhas – em que oras ao Infinito!



## LÉLIA RITA DE F. RIBEIRO



*Nasceu em Campo Grande (MS). Formada em Direito, dedica-se à cultura sul-mato-grossense, principalmente através da Casa da Memória. Sua obra mais conhecida é Amor em todos os Quadrantes. Ocupa a cadeira nº 27 da Academia.*

### VIDAS ROUBADAS

A vida no esplendor da vida

– Roubada!

A vida oficina do bem comum

– Abatida!

Ambas ceifadas

por profissionais do crime!

Até onde irá o estado de aldeia

a que voltamos?!

Até quando seremos vistos pelo Mundo

fardados de selvagens?!

Correntezas subterrâneas

clamam decisão?!

E do impacto doído de pais

e consciências que choram

venha novo clarão de vida!

Onde estás, ó dama bem vestida

De balança nas mãos e olhos vendados?!

## CANTO AO MUNDO POÉTICO

As palavras são nossas marionetes  
é preciso conviver com elas  
entendê-las  
recriando-as desde o seu enchimento  
fazendo-as renascer a cada movimento  
e inventando novas maneiras de ser palavras  
curtindo-as com seus sonidos e sonatas  
suas rimas (se gostares)  
seu ritmo sua disritmia  
do real tornando-se surreais ou irreais  
do irreal realidade  
Manobrando-as com muito tato (por trás da cortina)  
no palco da arte  
poderemos fazê-las dançar uma Copellia  
ou à lá Duncan  
requebros elucubrações fantasias e piruetas  
fazendo um jogo  
– o difícil será inventar fácil –  
Porém se fizerem  
Rir chorar reflexionar  
Ou apenas mexer  
- uma fibra que seja –  
da endurecida pedra  
somente sentindo e fazendo sentir  
terão cumprido seu destino  
Depois é tudo muito simples  
Ponha-se no papel  
a pena da pena da pena  
sopra-se ao ar como bolo de 80 velas  
e não queiras saber onde irão  
É uma FLOR DENTRO DO MUNDO

Ou  
poderá ser tudo ao contrário  
(nisto não há lógica)  
Tudo é Pretexto

## PANTANAL

Garças levemente pousadas  
Mil cores a voar  
Emas espanejasas  
Jacarés – parados –  
A imprevisão das capivaras  
Macacos tranquinos...  
Chifres de veados que olham...  
O boi no campo a pastejar...  
Pantanal!  
Camalotes em flor  
Helicônias e palmeiras uiriri  
Jardins flutuantes nos corixos...  
Pantanal!  
O pantaneiro e o avião  
O vaqueiro e o cavalo  
Mulheres mulheres na ajuda ou no embalo  
Crianças crianças em arruaças sem ruas  
A carne seca e a calça lee no varal  
Pantanal!  
Bebedouro de gente  
ora é seca ora é enchente  
Terra água pasto verdejante  
às vezes mais água que terra  
outras vezes terra sem água  
Pantanal!

## CANTO DE ADEUS

Cortada pisada esmagada  
Lá se foi a primavera  
num caminhão amarelo.  
Carregaram-na e jogaram-na  
num canto qualquer da rua  
Lá se foi a primavera  
num caminhão amarelo.  
Olhos tristes a viam ir-se  
enquanto outros menos tristes  
nem se davam conta de que a viam  
quanto mais de que se ia.  
Lá se foi a primavera  
num caminhão amarelo.  
Era rosada branca ou amarela  
ninguém sabia...  
Ainda não florescera aquela primavera...  
Se fora num caminhão amarelo  
E ninguém mais viu a cor  
Que tinha a flor da primavera.  
Lá se foi a primavera  
num caminhão amarelo.

## EIS QUE...

Sou a que vive trêmula e sussurrante  
Sou o patético em busca da essência  
Sou mais o que não se vê e o que não se vive  
mas se aspira  
sou e não sou

(engraçado como me estranho)  
mas sou mesmo aquela que  
redemoinha... redemoinha...

## CANTO A CAMPO GRANDE

Campo Grande

proseadora dos segredos do sertão  
hospedeira do vento que sopra nos campos e  
em tuas revoltas cabeleiras verdes

Do alto da serra de Maracaju  
divides as vertentes dos privilégios  
teces apanágios varres correrias  
corredeiras transparentes de poder  
de gente de águas de sóis de luas  
pra todos os lados

Campo Grande

prometida deusa serrana  
de pés agrilhoados e empoeirados nas veredas  
de olhos abertos pro futuro  
de veleidades incontidas  
desde a madrugada ao entardecer  
quando a lua cheia vai chegando  
e se deita morna de cansaço  
em teus braços apaziguados  
de fofas nuances incendiadas de luar

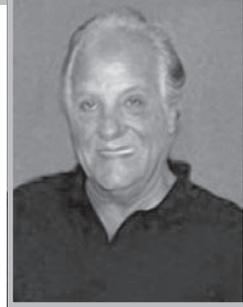
Campo Grande

- do Relógio da 14 que sumiu -  
quando o sol crepita  
no horizonte de tuas veias  
tingindo de vermelho ardente

as faces dos encruzilhados caminhos  
inundam de esperança teu célere coração  
e de teu pensamento derramas  
cantareira memória de heróis e heroínas  
pioneiros desta fecunda e arroxçada terra



# AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



*Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Suas obras são: Raízes do Pantanal, Pantanal - Gente, Tradição e História, Memória Pantaneira e Corumbá de todas as Graças. Ocupa a cadeira nº 28 da Academia.*

## DANCE!

Dance assim mesmo como você está.  
Dance pelos momentos fugazes  
que já se foram e nunca mais voltarão.  
Dance pelo botão da rosa  
e pela promessa de vida que ainda lhe sobra.  
Dance pelos meninos e meninas de rua,  
que só conhecem a desesperança.  
Dance pelos projetos,  
que nunca deram certos.  
Dance pelas cores dos arco-íris e pelo amor infinito,  
que um dia sempre acaba.  
Dance pela paz entre inimigos ferrenhos,  
pelo brilho do sol que apaga a violência  
e o ódio escritos sobre as pedras de gelo.  
Dance pela Arte,  
que lhe deu a música de Beethoven,  
os quadros de Van Gogh,  
os poemas de Baudelaire.  
Dance pelo primeiro beijo dado no escurinho

daquela matinê de domingo,  
que não mais existe.  
Dance pelo instante daquele orgasmo que já foi,  
ainda é,  
e um dia não mais será.  
Dance pela velhice que chega sozinha,  
com a promessa de um esquecimento.  
Dance pela humanidade inteira,  
pelo encontro de tantas coisas  
que um dia você aprendeu com ela.  
Dance pela última cervejinha,  
pelo último cigarro,  
pelo derradeiro sorvete de chocolate,  
pelo último compasso de um samba-canção.  
Dance assim mesmo como você se encontra,  
sentado na cadeira-de-rodas,  
deitado na cama,  
fornado de lençóis,  
entre travesseiros sovados.  
Dance pelo último sonho,  
pela próxima notícia,  
pelo motivo seguinte.  
Dance pelo Feliz Ano Novo que logo chegará.  
Dance! Dance! Dance!  
Dance assim mesmo como você está.

## **RIO DE SONHOS**

Era ele que me levava a passeios infinitos,  
Que me conduzia aos sonhos e acendia a chama  
Que existia em mim-menino.

Era ele que me convidava ao descanso,  
A escutar o silêncio das margens,  
A me expor à vontade de um rio absoluto.

A minha imaginação voava.  
Criava asas de passarinho  
E eu saía por aí...  
Ao sabor metálico das suas curvas indecisas.

## **ESPELHO**

Me olho no espelho e vejo um  
Menino perdido nos sonhos.  
Um homem canta uma canção ao longe,  
Um velho me contempla de perto.

E agora?...  
O que fazer com o resto do amanhã?  
Com a cortina de abismo que se aproxima  
E me abre uma indescritível solidão?

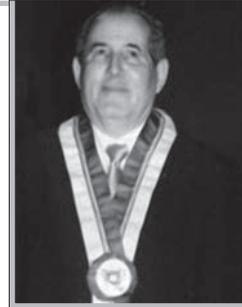
## **QUANDO O VERÃO CHEGAR**

Quando o verão chegar,  
Quero ver outra vez os seus olhos  
Brilharem de encantamento e  
Suas mãos me pedirem um pouco mais de amor.  
Aí, então, juro, não reclamarei  
Dos presentes do passado.

Das lamúrias mentirosas,  
Do choro de fantasia abafado num travesseiro.  
Apenas lhe darei um canto dentro de mim,  
Para sempre!



# ORLANDO ANTUNES BATISTA



*Nasceu em Rancharia (SP) em 1947. Professor universitário, escritor, poeta e compositor, reside na cidade de Três Lagoas (MS). Doutor em Letras pela USP. Livre-Docente em Teoria Literária. É autor de dezenas de obras publicadas, dentre as quais: 'O Espaço da Esperança', 'Jacaré Porã', 'Teoria da Adaptação Textual', 'Madurez no Pantanal', 'A Serpente Serelepe' e 'Estrela de Pã'. Ocupa a cadeira 12 da Academia.*

## QUADRÍGONO

No domingo tranqüilo de julho  
Via em mim o dente de coelho.  
Calmo e sem melancolia, eu juro,  
O enigma sorvia de mão no joelho.

Desde criança e sem infância  
Quadrados eu fazia noite e dia.  
Sonhava insanamente garatuja.  
Oh! Essência, do nada, não fuja!

Eu no vaso, qual uma flor, via,  
No chão, a colcha de retalho:  
Pra quem não vive na poesia,  
Tem mais bugalhos que alhos.

Pelos retalhos que a mãe cosia  
Sei de quem herdei a geometria.  
Há almas. A dela na minha, vazia,  
Na pura essência da forma fria.

## BATMAN SOB GIZ

Grita um homem contra ouvidos moucos.  
Capa negra veste coberta de mil estrelas:  
Tem ele uma garganta cheia de mucos  
Mostra utopias: ninguém quer mais vê-las!

Pulam alunos nas carteiras: serão elétricas?  
Não sabem as mentes da descarga da poesia!  
Alunos se alimentam na aula de sanduíche.  
Muitos se queixam do fogo da maldita azia.

Bem sujos estão hoje os neurônicos de piche.  
Você já leu Eco, Machado, Bilac ou Peirce?  
O noturno trabalho faz do mestre um morcego.

Ninguém mais lê. Todos na têm língua um pirce.  
Só resta ver contra a lua uma figura num vôo cego.  
O quadro negro sem eco.O mar não está pra peixe.

## DESAFIO

Quem te ouviu, sabe  
Bem-te-vi que cantas nas manhãs de Adamantina.  
Pode o teu som suave contra os roncoss de carros  
Eu te vi trinando pra bem poucos: gregos e arianos!

A melodia só por videntes no meio-dia percebida?  
Muitos querem teu canto e no chão nada verão.  
Quem te caça na pressa nada ouvirá.  
Imaginam que existes somente nas folhas:

Sei que vives nas folhavras  
Quem jogaria uma pá de cal nas lavras?  
Também te ouvi, meu amigo.  
Gravei tua música na minha orquestra.

No concerto a céu aberto em plena hora  
Aberta te ouço pelo que guardei de ouvido.  
Vi o bem que fazes no curso  
Dos meus dias! O canto se perde entre quatro

Paredes de concreto. Se esvai o que ouvi  
E quase ninguém sorri pro teu repeteco.  
Indo discreto pelos caminhos da vida.  
Sejas bem vindo para estas pagifolhas!

Não há árvores. Nem sabiás nas laranjeiras!  
Seu trinado é mui benigno e do tédio tira  
Minha alma. Beleza, porém, é quando sobrevives  
E cantas dentro das minhas quadras.

Mesmo em letras embalsamado  
Sem fonia o eco se repete seco por aqui,  
Acolá, lá, nos ouvidos de Alá.  
Nastaciar, trilagoar, quidauanar geram meu penar!

## EPISTÊMIO E UM ALEXANDRINO

Diz o fariseu do doutor da lei na Linguagem:  
Envolto nas sombras de Alá vive sem mirra.  
Triste figura que de Deus quer ser imagem!  
Não é cega a justiça! Ela te mira com birra.

Jaz o corpo esquartejado pela consciência;

- Pode alguém, de pés vermelhos de lama,

Botar banca aqui no campo da Ciência,

Sonhar ser lei, imitando um Dalai-lama?

Teço o verso na correia que não é de Alá.

Longe o mestre imita deuses no verbo alar:

- Mil penas de ti não tem o Alexandrino de Ali!

Acuda, Deus meu, se o babão ele não achar!

- Deus te livre, leitor, do mito talhado em mil.

Vingança? São signos qual mil tiros dum fuzil.

## ORAÇÃO DO POETA

Obrigado, senhor, pela áspera

Melopéia que brota dos meus lábios.

Obrigado, senhor, pela poesia

Que vive na minha sala de espera.

Obrigado, senhor, pela brasa

Que incendeia a brisa na minha língua.

Fazei, senhor, que línguas de fogo

Iluminem o meu poema.

Perdão, senhor, pelos rascunhos queimados

E que jogaram meu trabalho no vento.

Iluminai, senhor, meu discurso aflito

Para que seja apreciado até numa boca-de-pito.

Senhor, que o apocalipse surja em cada

Poema e o cerne da carne nos alimente.

Ó Senhor, fazei que a letra não seja

Morta e o espírito venha e fique!

## CANÇÃO SEM GESTA

A água das colônias  
o cheiro das índias  
o choro dos índios  
diante da lusa língua.  
O pau do Brasil  
a cruz do Brasil  
abriram aqui feitorias  
que não venceram as feitiçarias.  
O choro dos índios  
o índio querendo propina  
mas só levando pepino.  
A água das colônias  
o cheiro dos índios  
o clitóris das índias  
qui tollis pecata mundi  
o clero querendo índios  
o choro das índias  
a quimera das índias.  
A catequese feita nas  
Catacreses.

## PROFISSÃO DE FEL

Vim ao mundo pelo desagrado  
Cumprir meu destino n´ocaso,  
Viver um aspecto dum verbo  
Fazendo melancolia no signo.

O fim imitando o princípio  
O acaso unido os precipícios.

Rodas de fogo levando o meu  
O ocidente ao longínquo oriente.

Uma ária símile do século XX  
No lápis se fazendo de espinha  
No duplo movimento de um x.

Vivendo entre aros dourados  
Querendo o além da esquina  
No meu belo opus intestino.

## INFORTÚNIO

Meu nome tem duas rodas  
que uso qual coturnos  
marchando nos silêncios do papel

Dois sóis soturnos  
orlando meu tempo infinito de gerúndios.

Na cabeça a peneira me fazendo de chinês  
um anel entre as mãos  
numa simetria de planetas

De resumo um ar lindo  
Pairando no meu tempo de engrulhos.



## ABRÃO RAZUK

*Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: - Enfoques do Direito Processual Civil, e - Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia.*



### ACRÓSTICO

**Seu** rosto espelha matizes angelicais

**H**oras mal dormidas, ansiedade natural da incerteza.

**E**sperarei eternamente em seu universo, embora eu seja um asteróide.

**I**molar-me-ei se preciso nesta paixão frenética.

**L**ânguido, porém seus lábios e seu rosto fazem-me renascer diariamente.

**A**mor verdadeiro não mede esforços, ele é generoso e só almejo minúscula parte, tal qual um grânulo de areia no oceano, daí valer-me do consolo deste acróstico.



# RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia  
Sul-Mato-Grossense  
de Letras

(Patronos e Titulares)







## CADEIRAS

- N° 01 | Patrono: Nicolau Frageli  
Titular: **Hernani Donato**
- N° 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia  
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- N° 03 | Patrono: Ulisses Serra  
Titular: **Heliophar de Almeida Serra**
- N° 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho  
Titular: **Guimarães Rocha**
- N° 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho  
Titular: **Enilda Mougén Pires**
- N° 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo  
Titular: **Thereza Hilcar**
- N° 07 | Patrono: José de Mesquita  
Titular: **Américo Calheiros**
- N° 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra  
Titular: **Raquel Naveira**
- N° 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Moraes  
Titular: **Frei Gregório de Protásio Alves**

- N° 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho  
Titular: **José Manoel Fontanillas Frageli**
- N° 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães  
Titular: **José Couto Vieira Pontes**
- N° 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon  
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- N° 13 | Patrono: Estevão de Mendonça  
Titular: vaga
- N° 14 | Patrono: Severino Ramos de Queirós  
Titular: **Jorge Antônio Siúfi**
- N° 15 | Patrono: Pandiá Calógeras  
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- N° 16 | Patrono: Rosário Congro  
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- N° 17 | Patrono: Eduardo Olímpio Machado  
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- N° 18 | Patrono: Aguinaldo Trouy  
Titular: **Abrão Razuk**
- N° 19 | Patrono: João Guimarães Rosa  
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- N° 20 | Patrono: Visconde de Taunay  
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- N° 21 | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes  
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- N° 22 | Patrono: Vespasiano Martins  
Titular: vaga
- N° 23 | Patrono: Sabino José da Costa  
Titular: **Rui Garcia Dias**
- N° 24 | Patrono: Lobivar de Matos  
Titular: vaga
- N° 25 | Patrono: Arnaldo Serra  
Titular: **Zorrillo de Almeida Sobrinho**
- N° 26 | Patrono: Pedro Medeiros  
Titular: **Adair José de Aguiar**
- N° 27 | Patrono: Antônio João Ribeiro  
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- N° 28 | Patrono: Raul Machado  
Titular: **Augusto César Proença**
- N° 29 | Patrono: Elmano Soares  
Titular: **José Pedro Frazão**
- N° 30 | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti  
Titular: vaga
- N° 31 | Patrono: Henrique Cirilo Correia  
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- N° 32 | Patrono: Weimar Torres  
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- N° 33 | Patrono: Ovídeo Correia  
Titular: **Flora Egídio Thomé**
- N° 34 | Patrono: Tertuliano Meireles  
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- N° 35 | Patrono: Múcio Teixeira  
Titular: **Rubenio Marcelo**
- N° 36 | Patrono: Franklin Cassiano da Silva  
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- N° 37 | Patrono: Padre José Valentim  
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- N° 38 | Patrono: Enzo Ciantelli  
Titular: vaga
- N° 39 | Patrono: João Tessitori Júnior  
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- N° 40 | Patrono: Lima Figueiredo  
Titular: vaga

Esta obra foi composta em Georgia, impressa pela  
Gráfica Viena em papel offset para a Life Editora  
em outubro de 2008.

